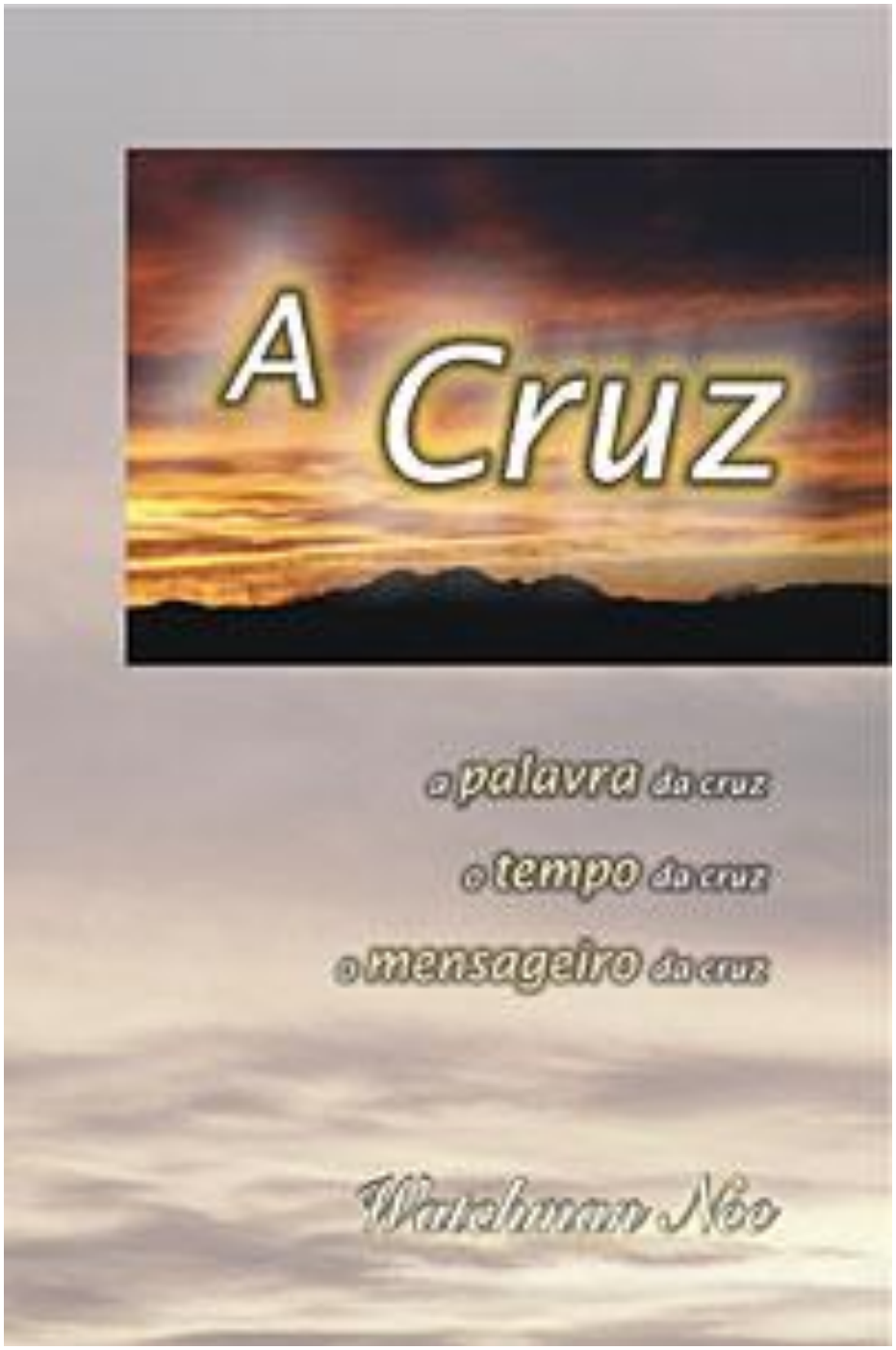


E-book digitalizado por: ***Carlos Diniz***
Com exclusividade para:

http://www.ebooksgospel.blogspot.com

CAPÍTULO UM

A PALAVRA DA CRUZ

I. MORRER COM O SENHOR PARA O PECADO

Quando o Senhor Jesus Cristo foi crucificado, Ele não apenas morreu *pelos* pecadores, abrindo-lhes um vivo caminho para que obtenham a vida eterna e se acheguem a Deus, mas também morreu *com* os pecadores sobre a cruz. Se a eficácia da cruz fosse meramente no aspecto da substituição par que os pecadores tivessem a vida eterna e fossem salvos da perdição, a maneira da salvação de Deus não seria completa, porque uma pessoa que é salva por crer em Jesus Cristo (veja Atos 16) ainda vive no mundo e ainda existem muitas tentações. Além disso, o diabo freqüentemente a engana e a natureza pecaminosa dentro dela opera continuamente.

Apesar de haver recebido a salvação, ela ainda não está livre do pecado nesta era. Ela não tem o poder para vencer o pecado. Portanto, em Sua salvação, o Senhor Jesus teve de levar a cabo ambos os aspectos: salvar o homem da punição do pecado e também salvar o homem do poder do pecado. Quando o Senhor Jesus morreu pelos pecadores na cruz, Ele libertou o homem da punição do pecado: o eterno fogo do inferno. Quando morreu com os pecadores na cruz, Ele libertou o homem do poder do pecado: o velho homem está morto, e ele já não é escravo do pecado. O pecado não vem de fora, mas de dentro. Se o pecado viesse de fora, então ele não teria muito poder sobre nós.

O pecado habita em nós. Portanto, ele é mortal para nós. A tentação vem de fora, enquanto o pecado habita em nós. Uma vez que todos no mundo são descendentes de Adão, todos têm a natureza adâmica. Essa natureza é antiga, velha, corrupta e imunda; é uma natureza pecaminosa. Desde que essa "mãe" do pecado está dentro do homem, ao virem tentações do lado de fora, o que está dentro reage ao que está fora, e o resultado são os muitos pecados. Por termos orgulho em nosso interior (embora, por vezes, oculto), tão logo venha uma tentação exterior, surge a oportunidade de ficar orgulhoso, e tornamo-nos orgulhosos. Por termos ciúme interiormente, tão logo venha uma tentação externa, achamos os outros melhores do que somos e ficamos enciumados. Por termos temperamento agitado interiormente, assim que vem uma tentação exterior, perdemos a calma. Todos os pecados que o homem comete provêm do velho homem interior.

Esse velho homem é verdadeiramente indigno, irreparável, imutável, incorrigível e incurável. A maneira de Deus lidar com o velho homem é crucificá-lo. Deus quer dar-nos algo novo. O velho homem deve morrer. As palavras de Deus encarregam-nos de lavar todos os nossos pecados no precioso sangue do Senhor Jesus. "O sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado" [1 Jo 1:7]. "Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados" [Ap 1:5].

Os pecados aqui referem-se aos atos pecaminosos cometidos exteriormente por uma pessoa. A Bíblia jamais nos diz que o velho homem interior deve ser lavado. A Palavra de Deus nunca diz que o velho homem deveria ser lavado. (O sangue de Jesus Cristo lava nossos pecados, e não o velho homem.) O velho homem precisa ser crucificado. Essa é a palavra da Bíblia.

Deus realiza tudo nesta era por meio do Senhor Jesus Cristo. Ele precisa punir os pecadores, contudo puniu o Senhor Jesus porque o Senhor Jesus se firmou na posição e em nome dos pecadores. Deus quer que o velho homem morra, mas, em vez disso, fez com que o Senhor Jesus morresse na cruz. Fazendo assim, Ele levou todos os pecadores juntamente com o Senhor para a cruz. Primeiro há uma morte substitutiva, a seguir, uma morte participativa. Essa é a palavra clara da Bíblia. Jesus Cristo é o que "morreu por todos; logo, todos morreram" [2 Co 5:14].

Esse ponto deve ser enfatizado e não deveria ser tratado levemente. Um crente, isto é, uma pessoa salva que confesse que é pecador e que crê em Jesus, deveria lembrar-se que a crucificação de seu velho homem não é uma atividade independente, separada do Senhor Jesus, mas algo feito em união com o Senhor. Quando o Senhor morreu, nosso velho homem morreu juntamente com Ele e Nele. Isso explica o fracasso de muitas pessoas. Muitas vezes os crentes exercitam a própria força para crucificar seu velho homem. Entretanto, descobrem seguidamente que o velho homem ainda está vivo. Eles tentam, na maioria das vezes sem intenção, crucificar o velho homem independentemente, por si próprios, sem Cristo. Isso nunca poderá ser feito. A não ser que alguém morra *com* o Senhor Jesus, não há a crucificação do velho homem. O velho homem é crucificado juntamente com o Senhor Jesus.

Não morremos por nós mesmos; pelo contrário, morremos junto com o Senhor. Fomos batizados "na sua morte" (Rm 6:3); "fomos unidos com ele na semelhança da sua morte" (Rm *6:5);* "já morremos com Cristo" (Rm 6:8); "foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos" (Rm *6:6).* Não podemos crucificar a nós mesmos, e não morreremos. Essa "co-crucificação" é um fato consumado; foi cumprida quando o Senhor Jesus foi crucificado. A morte do Senhor Jesus é um fato, que o Senhor Jesus morreu por nós também é um fato e o ser crucificado juntamente com Ele também é um fato. "Foi crucificado com ele", segundo o original, é um verbo de ação contínua; ele está no pretérito perfeito, o que indica que a crucificação do nosso velho homem com o Senhor Jesus é um ato realizado uma vez por todas, quando o Senhor morreu. Mas qual é o resultado de morrer com o Senhor ? Qual é o alvo ? Sabemos de Romanos *6:6* que o resultado é que o corpo do pecado seja destruído, e o alvo é que não mais sejamos escravos do pecado. Usemos uma ilustração para explicar esse fato. Existem três coisas: o velho homem, o pecado e o corpo do pecado. O pecado é como um senhor, o velho homem é como um mordomo e o corpo é como um fantoche. O pecado não tem a autoridade e poder para assumir a responsabilidade sobre o corpo do pecado ou de conduzi-lo ao pecado. O pecado dirige o velho homem; quando o velho homem consente, o corpo torna-se o fantoche. Desse modo, enquanto nosso velho homem estiver vivo, ele permanece no meio. O corpo está do lado de fora e o pecado do lado de dentro. O pecado interior tenta o velho homem, cuja concupiscência é incitada. Isso faz com que o velho homem dê a ordem ao corpo para pecar e envolver-se em transgressões. O corpo é muito flexível; tudo o que você lhe disser que faça, ele fará. É algo que não tem domínio sobre si mesmo. Por ele mesmo, nada pode fazer; ele só age segundo as ordens do velho homem. Quando o Senhor nos salva, Ele não leva nosso corpo à morte nem destrói a raiz do pecado. Antes, Ele crucificou nosso velho homem com Ele na cruz.

Qual é o resultado de crucificar o velho homem? O resultado é "que o corpo do pecado fosse destruído". No original grego, "destruído" significa "desempregado". Isso quer dizer que sem o velho homem, o corpo do pecado não pode fazer mais nada. Inicialmente, o corpo do pecado funcionava diariamente seguindo as ordens do velho homem. É como se pecar se houvesse tornado a sua ocupação. Tudo o que fazia era cometer pecados. O velho homem amava demasiadamente o pecado; queria pecar, andava por pecar e gostava muito de fazer coisas pecaminosas; o corpo seguia o velho homem para pecar e tornar-se o corpo do pecado. Agora que Senhor lidou com o velho homem e o crucificou, o corpo do pecado fica desempregado; não há mais trabalho para ele fazer. Quando o velho homem estava vivo, a profissão e a ocupação do corpo do pecado era cometer pecados todos os dias. Graças ao Senhor, esse velho homem sem esperança foi crucificado! O corpo do pecado também perdeu seu trabalho! Apesar de o pecado ainda existir e ainda tentar ser o senhor, contudo não sou mais seu escravo. Embora vez ou outra o pecado tente energizar o corpo para que peque, ele não pode obter sucesso, porque o Espírito Santo tornou-se o Senhor dentro do novo homem. Como resultado, o pecado é incapaz de ativar o corpo novamente para pecar. Portanto, o alvo da crucificação do velho homem e o desemprego do corpo do pecado em Romanos *6:6 é* que "não sirvamos o pecado como escravos".

Vimos estes três itens: um fato: "que nosso velho homem foi crucificado com ele", um resultado: "que o corpo do pecado seja destruído", e um objetivo: "que não sirvamos o pecado como escravos". Esses três estão interligados e não podem ser separados. Conhecemos o fato, o resultado e o objetivo. Mas como podemos obter isso? Quais as condições necessárias para ter a experiência de morrer juntamente com o Senhor? É crer. Não há outra condição senão crer.

A maneira de receber a morte substitutiva do Senhor Jesus é a mesma de morrer juntamente com Ele. Pela fé, e não por obras, toma-se parte no resultado da morte substitutiva do Senhor Jesus, que é a absolvição da punição eterna. De semelhante modo, pela fé toma-se parte no resultado de morrer com o Senhor Jesus, que é a nossa libertação do pecado. É um fato que o Senhor Jesus já morreu por você; também é um fato que você já morreu com Ele. Se não crer na morte de Cristo por você, não poderá participar da eficácia desta morte: a absolvição da punição. Se você não crer na sua morte com Cristo, da mesma forma não poderá receber a eficácia da morte com Ele: a libertação do pecado. Todos os que crêem na morte substitutiva de Cristo estão salvos, e todos que crêem na sua morte com Cristo venceram. Tomar parte na morte do Senhor Jesus, seja na morte substitutiva ou na morte participativa, requer fé. Deus requer que creiamos. Precisamos crer na morte do Senhor por nós e em Sua morte conosco. Romanos 6:11 diz: "Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado". A palavra "considerar" é extremamente importante. Freqüentemente gostamos de "perceber" se nosso velho homem morreu. Gostamos de "sentir" se ele morreu. Se tentarmos perceber ou sentir, nosso velho homem, em nossa experiência, nunca morrerá. Ele não morre por nossa "percepção" ou "sentimento". Quanto mais "percebemos", mais notamos que ele não está morto, e quanto mais "sentimos", mais vemos que ele ainda está vivo. O velho homem não é crucificado por "perceber" ou "sentir"; ele experimenta crucificação por meio do "considerar". Que é considerar?

"Considerar" é um ato de fé; "considerar" é a aplicação da fé; "considerar" é o julgamento da vontade e a execução da vontade. "Considerar" é completamente contrário a "perceber" e "sentir". "Perceber" e "sentir" têm a ver com os sentimentos da pessoa, enquanto "considerar" tem a ver com fé e vontade. Portanto, a crucificação do nosso velho homem não é algo que devamos sentir. É errado dizer: "Eu não sinto que meu velho homem esteja morto". Se o velho homem morreu ou não, independe do seu sentimento; depende de você considerar isso ou não.

Como "consideramos"? Considerar-se morto ao pecado é considerar-se já crucificado. É considerar que seu velho homem já foi crucificado, e que a cruz do Senhor Jesus é a cruz para seu velho homem; é considerar que a morte do Senhor Jesus é a morte do seu velho homem, e também que a época da morte do Senhor Jesus há mil e novecentos anos é a época em que o seu velho homem morreu. O velho homem já foi crucificado com Cristo. Isso é um fato, um fato consumado. Aos olhos de Deus, ele está morto. Agora consideramos que ele está morto. Se considerarmos em nosso coração as coisas nas quais cremos, Deus as cumprirá. Além disso, deveríamos exercitar a vontade para considerar-nos mortos para o pecado. Se fizermos isso, não mais seremos escravos do pecado. Considerar é tanto um ato como uma atitude. O ato é questão de momento, enquanto a atitude é algo que alguém mantém todo o tempo. O ato é uma ação momentânea acerca de determinado assunto, enquanto a atitude é uma avaliação duradoura acerca de algo. Devemos considerar-nos mortos para o pecado. Isso significa que deveríamos dar um passo definido para considerar-nos mortos para o pecado. Após isso, deveríamos continuamente manter a atitude de estar morto para o pecado. O ato é o início e a atitude é a continuação. Deveríamos ter ao menos um momento diante de Deus onde, de modo definitivo, a partir daquele exato dia e hora, consideramos a nós mesmos mortos. Após essa consideração específica, deveríamos diariamente manter a atitude de consideração definitiva, atitude que declara a nós mesmos mortos para o pecado. O fracasso de muitas pessoas é este: embora se considerem mortas ao pecado e tenham recebido a palavra de morrer com o

Senhor na cruz, acham que essa questão é uma vez por todas e, uma vez que fizeram essa consideração, não terão problemas a partir de então. Pensam que da mesma forma que alguém está morto quando seu corpo morre, assim é com a morte do velho homem de alguém. Elas não percebem que o mesmo não é verdade na esfera espiritual. Precisamos considerar-nos mortos com Cristo cada dia e cada hora. Sempre que um crente pára de considerar, seu velho homem, na experiência, não estará morto. Essa é a razão de muitas pessoas acharem que seu velho homem parece ter ressuscitado. Se isso fosse algo que pudesse ser resolvido uma vez por todas, não precisaríamos mais estar vigilantes. Entretanto, sabemos que precisamos estar atentos. Vigilância é algo que necessitamos exercitar a todo o momento. De semelhante modo, considerar o velho homem morto é algo contínuo e ininterrupto. Se os filhos de Deus estiverem mais cônscios disso, evitarão muitos fracassos.

Tomar essa atitude não é um exercício mental, mas uma avaliação permanente de nós mesmos na vontade. Deveríamos ser capazes de considerar-nos mortos quer consciente, quer inconscientemente. Os filhos de Deus sempre encontram dificuldades em fazê-lo. Por vezes, acham que "se esqueceram" de considerar-se. Eles têm feito uso do órgão errado. Considerar é um exercício da vontade, e não uma luta na mente. Se você vence ou não, depende de ter ou não tomado a atitude de considerar-se morto. Isso não depende de ter ou não lembrado de considerar-se. Se você exercita a vontade pelo Espírito Santo em manter essa atitude de morte, descobrirá que consciente ou inconscientemente essa atitude estará com você. A atitude será sempre a mesma quer se lembre ou não. Naturalmente, a mente tem sua posição, mas não deveríamos deixar a mente influenciar a vontade. A vontade deve controlar a mente e levá-la a auxiliar a vontade em manter essa atitude.

Portanto, cada dia e hora, consciente ou inconscientemente, não importando o que façamos, devemos sempre firmar-nos no fundamento da cruz e considerar nosso velho homem morto. Aqui reside o segredo de vencer o pecado e o diabo. O pecado e o diabo estão relacionados entre si. Se o pecado não pode ser nosso rei, espontaneamente o diabo não terá terreno em nosso coração.

Se os crentes perceberem e receberem a verdade da cruz, não haverá tantos que retrocedem e fracassam. Uma vitória duradoura não pode ser separada de uma permanência duradoura no fundamento da cruz.

Entretanto, isso não significa dizer que após termos "considerado" o velho homem morto na conduta e na atitude, o pecado dentro de nós será eliminado e anulado. Uma vez que ainda estejamos no corpo, o pecado ainda estará conosco. Dizer que o pecado pode ser anulado nesta vida não é o ensinamento da Bíblia. Podemos mortificar nosso velho homem crendo na cruz do Senhor no Gólgota e podemos fazer o corpo do pecado ficar sem poder, definhar e ficar paralisado como morto, mas nunca poderemos fazer o pecado ser anulado. Sempre que formos descuidados, desatentos e não firmados no terreno da morte do Gólgota, nosso velho homem estará ativo e exercerá sua autoridade e poder novamente. Satanás busca oportunidades o dia todo para ativá-lo. Onde quer que haja uma brecha, ele tentará recuperar a posição original.

Sendo esse o caso, quanto precisamos estar vigilantes e alertas para que o velho homem nunca tenha um dia para ressuscitar novamente! Mas isso não é muito difícil? Certamente a carne considera isso difícil. Portanto, para que a cruz opere nos que crêem, eles devem ter o poder do Espírito Santo. A cruz e o Espírito Santo nunca podem ser separados. A cruz torna possível aos crentes vencer o pecado; o Espírito Santo torna real na vida dos crentes o que a cruz realizou. Um crente que quer ser libertado dos pecados não deve fazer provisões para a carne; ele deve ser vigilante e estar pronto para pagar qualquer preço. Ele deveria ter menos esperança em si e mais confiança no Espírito Santo. Para o homem isso é impossível; para Deus, nada é impossível.

A morte da cruz é diferente de qualquer outro tipo de morte. Esse tipo de morte é o mais doloroso e demorado. Portanto, se verdadeiramente considerarmo-nos mortos e

tomarmos a cruz do Senhor como nossa, ela será dolorosa e miserável no tocante à carne. O Senhor Jesus ficou suspenso na cruz por seis horas antes de morrer; Sua morte foi muito lenta. Na vida dos cristãos, as experiências de co-crucificação pertencem muitas vezes a esse período de seis horas. Quando o Senhor Jesus estava na cruz, Ele tinha o poder de descer se assim desejasse. O mesmo é verdade para os que são crucificados com o Senhor. Sempre que alguém permitir que seu velho homem deixe a cruz, este a deixará. O velho homem está pendurado na cruz mediante a consideração da pessoa. Se alguém mantiver a atitude de que o velho homem está morto, este ficará tão sem forças quanto um morto. Mas uma vez que a pessoa relaxe, o velho homem será ativado. Muitos filhos de Deus freqüentemente querem saber por que seu velho homem fica ressuscitando. Eles se esquecem que a morte de crucificação é lenta.

Satanás está muito atento; ele aproveita toda oportunidade para ressuscitar o velho homem e fazer com que os crentes cometam pecados. Toda vez que estamos desapercebidos, sua tentação e engano vêm. Quando exteriormente a tentação e o engano vêm, o velho homem em nosso interior é rápido em reagir. Nessa hora, a pessoa deve voltar-se uma vez mais ao fundamento da cruz e uma vez mais considerar-se morta. Ela deve aguardar (por meio da sua consideração) que o Espírito Santo lhe aplique o poder da cruz, até que a tentação perca seu poder de atração. Todo crente deveria ter essa experiência extraordinária. Quando estiver a ponto de ser derrotado, ele deve ir novamente à cruz e considerar-se morto; por meio disso ele provará um poder que entra nele, que o guarda e fortalece para resistir à tentação. Entretanto, não é verdade que algumas vezes consideramos seguidamente e ainda assim não vemos nenhum resultado, e pecamos? Essa é a experiência de muitos. Isso mostra que seu "considerar" tem algum problema. Se você tiver realmente considerado, certamente encontrará um extraordinário poder que entra em você. Lembremo-nos de que esse "considerar" não é dizer com a boca: "Estou morto, estou morto"; tampouco é pensar na mente: "Estou morto, estou morto". E o julgamento da sua vontade ao se considerar morto e manter essa atitude de consideração com um coração que crê. Podemos dizer que essa é uma decisão na vontade, por meio da qual declaramos: "Estou morto". Em outras palavras, primeiro você está desejoso de morrer, então considera a si mesmo morto. Precisamos aprender a considerar com a vontade e com fé.

Se realmente nos firmarmos em Romanos 6:11, sempre teremos a experiência de ser libertados do pecado. Quando um crente toma essa atitude pela primeira vez, Satanás tentará de propósito causar um tumulto e fará com que ele sinta que as coisas são difíceis demais para controlar. Nessa hora, ele deve calmamente confiar no Espírito Santo para que aplique nele o poder da cruz. Não se debata, não fique ansioso, não pense que a tentação é grande demais e não superestime o inimigo por causa disso. Você deve considerar-se morto para o pecado. A cruz tem o poder de vencer o mundo. Nas vezes que infelizmente falharmos, deveremos levantar-nos ainda mais e crer mais no poder da cruz. O Espírito Santo conduzi-lo-á para a vitória no Senhor Jesus. Irmãos, "o pecado não terá domínio sobre vós, pois (...) estais debaixo (...) da graça" [Rm 6:14]!

II. MORRER COM O SENHOR PARA O EGO

Em nossa experiência, morrer para o ego é mais profundo e mais avançado que morrer para o pecado. Normalmente os filhos de Deus prestam muita atenção a vencer pecados. Eles sofrem muito aborrecimento do pecado. Sabem muito bem como, após pecar, sua vida regenerada se preocupa com o maligno e com a amargura do pecado. Eles provaram muito disso e esperam muito vencer o pecado e não mais ser escravos do pecado. Portanto, após ter recebido a luz e ter compreendido como morrer com o Senhor e como considerar-se mortos para o pecado, eles confiam no poder do Espírito Santo e começam seriamente a considerar-se mortos e a permitir que a vitória da cruz se expresse em seu coração e por meio dele. Contudo, sempre falta algo: depois de ter a experiência de vitória sobre o pecado, acham que

essa experiência é o padrão mais elevado da vida e nada pode ser mais elevado.

Eles dão atenção excessiva aos pecados. Como resultado, uma vez que os tenham vencido, dão-se por satisfeitos. É correto que prestemos atenção aos pecados e é correto que os crentes não negligenciem os pecados. A vitória sobre pecados é a base de toda justiça e é a chave para o viver cristão adequado. Se o pecado tiver domínio sobre nós, não poderemos esperar por qualquer progresso espiritual. Mas isso não significa que possamos parar na vitória sobre o pecado, e traçar um limite e designar um fim ao nosso avanço. Devemos saber que isso é apenas o primeiro passo da regeneração de um cristão. Ainda há um longo caminho diante de nós. Não o considere um fim! Após vencer os pecados, o problema imediato que se apresenta aos cristãos é como vencer o "ego".

Os crentes freqüentemente entendem mal o verdadeiro significado de "ego". Alguns o confundem com pecado. Consideram o ego como pecado e acreditam que ele deveria ser levado à morte. Naturalmente, o ego e o pecado têm muito a ver um com o outro, mas o ego não é o pecado. Muitos utilizam a medida com que medem o pecado para medir cada comportamento exterior. Qualquer coisa que consideram errada é por eles condenada como pecado e consideram-na como ego e como a "mãe" do pecado, e que deve ser crucificada. Eles pouco compreendem que por mais que o ego seja ruim, ele nem sempre é mau. É verdade que tudo o que provém da "mãe" do pecado é pecado, e é corrompido e sujo, e é também verdade que o que é expresso pela "mãe" do pecado por meio do ego não pode de modo nenhum ser bom. Entretanto, às vezes, quando o ego é expresso, ele pode parecer muito bom aos olhos do homem e pode parecer muito virtuoso, muito amável e muito justo. Se tomarmos a medida com que medimos o pecado para medir o ego, certamente eliminaremos a parte má do ego e manteremos a parte boa; boa, é claro, segundo a concepção do homem. Pelo fato de os crentes não perceberem a fonte do ego e não compreenderem que este pode produzir o que tanto Deus como o homem condenam como mau, assim como o que é reconhecido pelo homem como bom, eles permanecem na esfera do "ego" e deixam de entrar no desfrute da vida plena e rica de Deus. Satanás é muitíssimo sutil; ele oculta esse fato e mantém os crentes em trevas, levando-os a se contentar com a experiência da vitória sobre o pecado e parar de buscar uma experiência mais

elevada: a da vitória sobre o ego.

A vida do ego é exatamente a vida natural. A vida natural foi afetada pela queda de Adão e tornou- se muito corrompida. Pela queda de Adão, o homem adquiriu a natureza pecaminosa. Esta está intimamente entrelaçada com a vida natural, que é o ego. Nosso ego é exatamente o nosso eu; é o que constitui nossa personalidade individual. Em outras palavras, é a nossa alma. Por ser a natureza pecaminosa tão intimamente relacionada ao ego, é difícil separar os dois em suas operações, isto é, em seus atos de pecado. Eles são tão unidos que tão logo a "mãe" do pecado se mova, o ego concorda e executa, e o homem comete pecados exteriores.

É claro, nunca poderemos fazer uma separação muito clara entre o ego e o pecado. Em um incrédulo, o ego e o pecado são um, e é muito difícil separá-los. O ego já é capaz de transgredir por si mesmo. Mas o pecado, sendo tão poderoso, afeta o ego, domina-o, subjuga-o e obriga-o a vir com mais idéias para pecar. Sob a influência da queda de Adão, o ego já está corrompido ao máximo. Agora quando ele colabora com o pecado, os dois têm pouco motivo para conflito. Mesmo que algumas vezes a consciência faça um protesto muito fraco, é tão curto e fraco que desaparece num instante. O ego e o pecado cooperam mutuamente tão bem que, em pessoas não-regeneradas, ambos estão misturados. Para eles, o pecado é exatamente o ego encarnado. Para eles, o ego é simplesmente os muitos males que aparecem na vida humana caída; é simplesmente a raiz, os ramos e as folhas do pecado. Para eles, o ego não é somente a origem do pecado, mas a própria vida do pecado. Para eles, o pecado é o ego, e o ego é o pecado. Após um homem ser regenerado, no estágio inicial de sua vida cristã, ele ainda acha difícil na experiência fazer distinção entre o pecado e o ego. Mais tarde, à medida que

recebe mais graça de Deus e a obra da cruz e o poder do Espírito Santo tornam-se mais evidentes nele, ele começa a separar o pecado do ego. Ao longo do caminho na vida cristã, os filhos de Deus são gradativamente capazes de diferenciar o ego do pecado. Os que têm a experiência de Romanos 6:11 perceberão que embora um homem possa ter vencido o pecado, pode ainda não ter vencido o ego.

Para os crentes que são avançados em vida, a vitória sobre o pecado é fácil, ao passo que a vitória sobre o ego é muito difícil. Se um crente tem a experiência plena da vitória sobre o ego, terá obtido a vida que os apóstolos tiveram.

A vida do ego é exatamente a vida da alma. O ego é a nossa personalidade e tudo o que nela está contido. Dele provêm a opinião pessoal, gostos, pensamentos, desejos, preconceitos, amor e ódio. A vida do ego é o poder pelo qual alguém vive. Devemos ter em mente que o ego é simplesmente a nossa pessoa acrescida de gostos e desgostos. Essa vida é o poder natural pelo qual realizamos o bem e trabalhamos. O ego é uma vida, pois vive nos crentes cujo ego não foi removido. Mesmo nos crentes que morreram para o ego, este freqüentemente tenta ressuscitar. A vida do ego centraliza-se no próprio ego da pessoa.

Após os crentes receberem o tratamento da cruz com relação ao pecado, o corpo do pecado será neutralizado e não será mais capaz de agir. Entretanto, devido à falta de atenção à vida do ego, esta ainda vive. Nesse estágio, a vida do ego é semelhante à vida de Adão antes da queda. Não era espiritual porque não fora transformada pelo fruto da árvore da vida, e não era carnal, pois não havia pecado. Ela pertencia a si mesma, e, sendo assim, podia pecar se o quisesse, e ser espiritual se o quisesse. A vida dos crentes nesse período é muito semelhante a isso. Não é espiritual porque seu espírito ainda não é livre e não alcançou um andar segundo a vida mais elevada de Deus. Não é carnal porque a pessoa recebeu a consumação da cruz e se considera morta para o pecado. Ela pertence ao ego, é anímica, natural e não transformada. Se não for cuidadosa, cairá e será contaminada pelo pecado da carne. Se prosseguir e proclamar a consumação da cruz, tornar-se-á completamente espiritual. Contudo, se os crentes permanecerem na esfera do ego, cairão na maioria das vezes e muitas vezes tornar-se-ão carnais.

Nesse período, os crentes estão na condição mais vulnerável da vida cristã. Por um lado, devem proteger-se de cair; por outro, devem decidir-se a ter algumas obras práticas justas. O perigo, então, é fazer o bem por esforço próprio. Não necessariamente é algo óbvio; por vezes, pode estar muito obscuro e oculto. Algumas vezes leva longo tempo para Deus mostrar aos crentes que eles ainda estão no ego e ainda tentam cumprir a vontade de Deus por esforço próprio. O ego inclui muitas coisas. Vontade, emoções, amor e inteligência estão no seu domínio. O ego é a própria pessoa. A vida do ego é o poder pelo qual vivemos. O ego é também a alma; é um órgão. A vida do ego é a vida da alma, é o poder que motiva esse órgão. Quando um homem está no ego, a vida do ego comunicará poder, isto é, o próprio poder do ego, para diversas partes do homem: a vontade, as emoções, o amor, a inteligência etc, e fará com que o homem pratique o bem e trabalhe. Sua vontade é suficientemente forte para resistir as tentações exteriores.

Suas emoções alegram a pessoa e a levam a pensar que Deus está muito próximo dela. Seu amor ao Senhor é profundo e sincero. Sua inteligência leva-a a produzir muitos ensinamentos bíblicos maravilhosos e muitos métodos de realizar a obra de Deus. Mas, por fim, tudo é feito pelo ego e não pela vida espiritual de Deus. Nesse período, Deus muitas vezes concede graça especial aos crentes para que recebam muitos dons maravilhosos. Ao perceber que todos esses dons provêm de Deus, espera-se que o homem se volte completamente de si mesmo para Deus. Entretanto, na experiência, o que um crente faz é totalmente o oposto do que Deus pretende. Não apenas não se volta inteiramente a Deus, como tira vantagem desses dons para proveito próprio. Como resultado, esses dons tornam-se uma ajuda para prolongar a vida do ego. Portanto, Deus tem de trabalhar muitos dias e anos até que essa pessoa desista de si mesma e se volte inteiramente a Ele.

Após um crente ser trazido por Deus a uma compreensão profunda da maldade do ego, ele estará disposto a levar o ego à morte. Mas qual é a maneira de o ego morrer? Não há outra maneira senão a cruz. Devemos ler duas passagens da Bíblia para entender a relação entre a cruz e o ego.

"Estou crucificado com Cristo" (Gl 2:19b). "Se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue, tome cada dia a sua cruz e siga-Me" (Lc 9:23).

O que Gálatas 2:19 fala é algo que foi cumprido uma vez por todas. Após perceber que nosso ego precisa ser levado à morte, deveríamos então, pela fé, reconhecer de modo definitivo que "estou crucificado com Cristo". A palavra no texto original é *egó,* o "eu", a pessoa. Além da cruz, certamente não há outro caminho para levar o ego à morte. Devemos atentar também para as palavras "com Cristo". A crucificação do ego não é um ato independente dos crentes. Os crentes não devem cravar o ego na cruz por si mesmos, com a própria força. A crucificação do ego deve ser junto com Cristo e em conjunto com Cristo. Isso não quer dizer que ajudamos Cristo a colocar o ego na cruz. Pelo contrário, significa que Cristo já cumpriu esse fato, e agora eu apenas o reconheço e creio na sua realidade. Aqui o ponto principal é Cristo. Essa é a razão de se dizer: "Estou crucificado com Cristo", e não "Cristo está crucificado comigo". Não que queiramos levar o ego à morte e que Cristo vem meramente acompanhar-nos. Pelo contrário, foi Cristo que na morte carregou toda nossa "pessoa", nosso ego, para a cruz e pregou-o ali. Portanto, não crucifico o ego novamente, mas simplesmente reconheço o fato. A palavra "estou" nos mostra que é um fato e não um desejo. Uma vida que morre para o ego é possível, real e atingível. Os apóstolos nos tempos antigos alcançaram esse tipo de vida; o ego deles passou no teste. Portanto, é-nos possível obtê-la também. Entretanto, devemos lembrar-nos que é "crucificado com" e não "crucificado sozinho".

Separados do Senhor nada podemos fazer. Crucificar o ego com a força do ego é uma tarefa impossível e jamais pode ser feita. Se não estivermos unidos com o Senhor em Sua morte, nosso ego nunca morrerá. Em Sua morte, Cristo sozinho levou à cruz toda a velha criação, junto com cada parte dela. Se tentarmos encontrar outra maneira fora da maneira do Senhor e tentarmos realizar qualquer coisa fora do que Ele cumpriu, não somente seremos tolos, mas também desperdiçaremos o tempo.

Portanto, não devemos fazer nada a não ser achegar-nos ao Senhor em plena certeza de fé e reconhecer a Sua realização como sendo nossa; em seguida devermos orar para que o Espírito Santo aplique em nós a obra da cruz do Senhor e expresse essa mesma obra a partir de nós.

Devemos achegar-nos diante de Deus para repreender o ego e oferecer tudo a Deus. Pelo Espírito do Senhor, deveríamos levar à morte tudo o que está incluído na vida do ego. Devemos dizer a Deus: "De agora em diante não mais eu, não mais minha aparência, opiniões, gostos ou preconceitos. Porei tudo isso na cruz. Começando de hoje, viverei somente de acordo com a Tua vontade. Ó Senhor! És Tu, e não eu". Deveríamos submeter-nos ao Senhor dessa maneira enquanto levamos à morte tudo o que temos. Porém isso não significa que de agora em diante nosso ego foi exterminado. Ele não pode e não será exterminado; ele sempre existirá. Por que, então, dizemos para pregar o ego na cruz? Aqui precisamos saber algo importante: a questão diante de nós é a que tem relação com a vida espiritual. Para esse tipo de pergunta, devemos enfatizar mais a experiência espiritual do que mera precisão literária. Existem muitas coisas que parecem contradizer-se a outras na semântica e parecem totalmente incompatíveis. Contudo, elas se ajustam muito harmoniosamente e não têm embaraço de nenhuma espécie na esfera da vida espiritual. Isso é o que ocorre aqui. Segundo o significado literário, se o ego já está morto, como não pode ser exterminado? Devemos saber que a palavra "morto" aqui refere-se a um tipo de processo na experiência espiritual. O fato de o ego estar morto não significa que de agora em diante não existe; significa que daqui para frente se submeterá a Deus e não permitirá que seus gostos e desgostos tomem conta, mas permitirá que a cruz crucifique e elimine todos os seus pensamentos e atividades egoístas.

Fazer com que a vida do ego pare de dirigi-lo significa que o viver que se origina da vida do ego está morto e não há mais vida do ego e viver do ego, e somente a casca do ego permanece. O ego inclui a vontade, as emoções, a inteligência etc. Isso não quer dizer que ao crer que nosso ego foi crucificado com Cristo, nossa vontade, emoções, intelecto etc. serão anulados! Ninguém pode aniquilar as poucas faculdades que compõem seu ser apenas crendo que foi crucificado com o Senhor! Morrer com o Senhor simplesmente significa não mais permitir que o ego seja o dono, não agir mais segundo a própria vontade, emoções e pensamentos, e não mais permitir que a vida do ego tenha maneira própria; significa permitir que o Senhor Espírito governe tudo o que o ego engloba, de modo que a pessoa obedecerá a vida de Deus no seu interior. Uma vez que o ego não está morto, ele não se submeterá ao Espírito Santo. Uma vez que o ego saia da cruz, imediatamente reassumirá sua velha postura. Os crentes não têm nem o poder nem a maneira de subjugar a si mesmos. Gálatas 2:19-20 esclarece muito esse ponto: "[Eu] [o ego] estou crucificado com Cristo (...) e esse viver que agora tenho na carne". A Bíblia não fala claramente aqui? Na primeira sentença Paulo deixa muito claro que seu ego foi crucificado, contudo na segunda não diz ele que o ego ainda existe ? Portanto, a crucificação do ego não implica a sua eliminação; pelo contrário, significa a interrupção das suas atividades e a permissão de que o Senhor seja o Mestre. Isso deve estar muito claro.

O que foi dito acima foi alcançado uma vez por todas. É, porém, suficiente apenas crer uma vez que fomos crucificados com Cristo? Acaso isso irá resolver o problema uma vez por todas? Isso nos leva à segunda passagem da Bíblia: "A si mesmo se negue, tome cada dia a sua cruz e siga-Me" (Lc 9:23). Esse versículo ressalta que as três coisas que deveríamos fazer são, na verdade, apenas uma dividida em três passos. O primeiro passo é negar o ego. Negar significa rejeitar, descartar, ignorar e não reconhecer a interpelação de alguém. O significado de negar o ego é simplesmente não permitir que ele seja o senhor. Esse passo é um ato definido; é crer especificamente que "estou crucificado com Cristo". Para preservar o trabalho desse passo, devemos levar a cabo o segundo passo, que consiste em "cada dia" tomar a cruz. Isso significa que, uma vez que entregamos o ego à cruz voluntariamente e o impedimos de ser o senhor, devemos, então, continuar a negá-lo diariamente.

Negar o ego deve ser "diariamente" e ininterruptamente. Essa questão não pode ser realizada uma vez por todas. O Senhor precisa conceder-nos uma cruz diária para carregar. O ego é muito ativo e Satanás, que tira vantagem do ego, também é incansável. A todo o momento, o ego procura uma oportunidade de restaurar-se e jamais deixar escapar a menor chance que seja. Assim, é de suma importância que tomemos a cruz diariamente. É nisso que os crentes precisam ser vigilantes.

Deveríamos "cada dia" e momento após momento tomar a cruz que o Senhor nos tem dado; e ainda continuamente reconhecer que a cruz do Senhor é nossa e não dar qualquer espaço para o ego nem permitir que ele assuma qualquer posição. O terceiro passo é seguir o Senhor; isto é positivamente honrá-Lo como Senhor e obedecer completamente a Sua vontade. Dessa maneira, o ego não terá chance nem possibilidade de se desenvolver. Esses três passos estão totalmente baseados e centralizados na cruz. O primeiro passo, de negar o ego, é do lado negativo. O segundo passo, de tomar a cruz, é negativamente positivo. O terceiro passo, de seguir o Senhor, é do lado positivo.

O ensinamento nessas duas passagens não deve ser desvinculado um do outro. Se os tomarmos e os praticarmos juntos, teremos a experiência de vencer o tempo todo. Entretanto, devemos permitir que o Espírito Santo faça Sua própria obra em nós e permitir que a obra consumada da cruz seja trabalhada em nós.

Nosso pensamento em geral é que estamos muito desejosos de dar a Cristo nossas coisas más, sujas, pecaminosas e satânicas e tê-las pregadas na cruz com Ele. Estamos muito dispostos a livrar-nos das coisas más do ego. Entretanto, nosso problema freqüente é que achamos que deveríamos manter as coisas boas do ego.

Na visão de Deus, o ego está totalmente corrompido e é afetado profundamente pela

queda de Adão. De acordo com Deus, Ele não pode curar a vida do ego nem melhorá-la. Não há outra maneira senão crucificá-la com Cristo. O mundo está disposto a deixar que tudo se vá e até mesmo se dispõe a sacrificar seu próprio dinheiro e tempo; contudo, encontra muita dificuldade em negar o ego e crucificá-lo. Sempre consideramos que o ego não é de todo mau. Esse é o ponto de vista humano. É claro que o homem natural não tem a intenção de preservar somente sua bondade. Entretanto, inconscientemente e involuntariamente, ele preserva o lado bom do ego e leva à morte o lado mau. Pouco nos damos conta de que o ego ou está totalmente vivo ou totalmente morto. Se a parte boa do ego é mantida viva, não há garantia de que a sua parte má esteja morta. Portanto, os crentes têm uma lição séria a aprender aqui. Eles devem estar dispostos a crucificar com Cristo tanto a parte boa como a parte má do ego. O ego natural de muitas pessoas é honesto por nascimento. Alguns são muito pacientes, outros são amáveis. É muito difícil para elas levar todo o ego à morte. No subconsciente, elas mantêm sua honestidade, paciência e amor, e deixam que as outras coisas erradas sejam crucificadas com o Senhor. Esses crentes devem aprender de Deus a perceber que eles mesmos não são confiáveis. Somente então submeter-se-ão ao Senhor. Podemos aprender uma lição de Pedro nesse ponto. Antes de experimentar a morte e ressurreição de Cristo e o preencher do Espírito Santo, Pedro realmente pensava que seu amor pelo Senhor fosse correto. Entretanto, sua promessa de "morrer com o Senhor" foi cumprida? A falha de Pedro foi causada pela sua total confiança em si mesmo; ele confiou em na própria bondade. Contudo não percebeu isso. Afinal, é difícil perceber o ego. Devemos confiar na avaliação que Deus faz de nós e colocar o ego na cruz.

Se considerarmos a avaliação de Deus sobre o mundo, ficaremos mais seguros desse fato. Deus disse: "Não há justo, nem um sequer" (Rm 3:10). Para o mundo, realmente não há nenhum justo? Existem uns poucos justos de acordo com o ponto de vista do mundo! O motivo de Deus considerar nenhum justo é que toda justiça deles é produzida por eles mesmos. O ego é profundamente cultivado pela natureza de Adão. "Acaso pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?" (Tg 3:11). O homem pensa possuir o que o inundo aceita como justiça. Contudo, "desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus" (Rm 10:3). Os que se acham justos não são justos; são também pecadores destinados à perdição. Somente os que receberam toda a pessoa do Senhor Jesus são justos.

Podemos examinar outro trecho da Palavra que nos diz como a bondade da vida do ego deve ser levada à morte antes que alguém possa produzir bons frutos. Essa passagem, entretanto, lida mais com a vida do ego do que propriamente com o ego.

"Se o grão de trigo, não cair na terra, e morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto" (Jo 12:24). Aqui o Senhor fala aos que Nele crêem. Essa é a razão de essa palavra ser um chamamento. "Se alguém Me serve, siga-Me" (Jo 12:26). Após dizer essas palavras, Ele não nos deixou em trevas, mas continuou explicando: "Quem ama a sua vida da alma perde-a; e quem odeia a sua vida da alma neste mundo, guardá-la-á para *a* vida eterna [no original, a vida espiritual]." O ensinamento aqui é que a vida do ego deve ser levada à morte.

A vida é muito preciosa. Pode-se sofrer a perda de tudo, menos da vida. Contudo, aqui está um chamamento para perder nossa vida. Nossa vida do ego foi-nos concedida pelo nascimento; é legítima e é boa. Contudo, aqui o Senhor requer que a levemos à morte.

Que é essa vida? É uma vida natural, uma vida que temos em comum com todos os animais, uma vida com mobilidade. Nosso intelecto, amor e emoções são todos dominados por essa vida. Cada habilidade do corpo é controlada por ela. Cada parte do nosso ser é controlada por ela. Apesar de não ser errado exercitar o intelecto, amor e emoções, essa vida dominante, essa vida que provém do nascimento natural, não é espiritual. A menos que a vida espiritual se torne a expressão e a força motriz de todas as habilidades dos crentes, um crente "perderá" sua vida, isto é, ele nunca produzirá fruto.

Essa vida do ego é bela e atrativa. Nosso Senhor utiliza o trigo como ilustração. A casca

de um grão de trigo é muito atrativa. Sua cor é dourada. Embora seja belo, ele é inútil se permanecer meramente como grão. Ele deve ser separado (ou ir junto) de seus companheiros e cair na terra, um lugar escuro, oculto e de sofrimento, e morrer ali. Quando morre, ele perde a beleza e tudo o que tem. Não será mais um objeto de admiração do homem como antes. Se verdadeiramente estivermos dispostos a morrer, e se realmente morrermos, perderemos os muitos elogios do homem. Nossa beleza natural será destruída. Primeiramente, poderíamos ter tido a inteligência de apresentar muitos novos argumentos e teorias. Quando o ego morre, temos de aguardar direção e liderança do Senhor, e não ousamos depender mais da própria inteligência. Antes podíamos ter tido amor e ter amado a muitos, podíamos motivar-nos a amar o Senhor. Quando o ego morre, teremos de deixar o amor do Senhor amar por meio de nós e permitir ao Espírito Santo permear nosso coração com o amor do Senhor. Não ousaremos ser motivados pelo amor natural. Antes podíamos ter tido emoções e podíamos estar jubilosos, irados, tristes e alegres à vontade; podíamos ter comunhão com o Senhor por intermédio dos sentimentos e podíamos sentir Sua alegria. Com a morte do ego, teremos de deixar o Senhor controlar nossas emoções. Ficaremos tristes quando o Senhor estiver triste. Ficaremos alegres quando o Senhor estiver alegre. Teremos de deixar o Senhor ter liberdade em nós. Mesmo que por vezes percamos o sentimento do Senhor, ainda teremos de permanecer fiéis e não mudaremos de atitude. Não ousaremos mudar por causa das emoções. O que antes nos parecia proveitoso será considerado como perda por causa de Cristo. Ao morrer com o Senhor para o pecado, abandonamos as coisas ilícitas. Ao ser crucificados com o Senhor para o ego, abandonamos as coisas lícitas.

Esse, sem dúvida, é um passo difícil de dar. Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que a encontram.

Que tipo de morte é essa? É a morte da cruz. O Senhor mesmo disse isso (Jo 12:33). Portanto, não temos qualquer escolha a não ser cair na terra prontamente e morrer. Devemos morrer alegremente com o Senhor e participar da comunhão da Sua cruz. Cada dia, deveríamos manter uma atitude de odiar a vida do ego para preservá-la para a vida eterna, isto é, dar fruto para a vida eterna e produzir muitos grãos. Isso não é algo da noite para o dia. Se fosse assim, teria sido fácil. Mas a palavra do nosso Senhor é: "Quem odeia a sua vida da alma neste mundo". Devemos odiar nossa vida do ego uma vez que vivemos no mundo. Se praticarmos isso incessantemente, nosso ego será despojado do seu poder. Não devemos considerar a palavra "morte" levianamente. Não é suficiente ser um grão de trigo sozinho. Como filho de Deus nascido de novo (Mt 3:38), a pessoa é meramente um bebê e não pode fazer muito por Deus. Não basta cair na terra, pois mesmo se alguém estiver disposto a sofrer e ser escondido, ainda não está morto e ainda é um único grão; ainda não existe aumento. A morte é o último e mais importante passo. A morte destranca a porta da vida. A .morte é o único requisito para dar fruto. A morte é indispensável. E, contudo, quantos a têm de fato experimentado? A morte põe fim a toda atividade; é o término da nossa vida humana. Depois da morte, não resta lugar para a atividade da vida do ego. Essa não é uma morte hesitante, porque o Senhor disse que deveríamos "odiar" essa vida do ego. Odiar é uma espécie de atitude; é uma atitude duradoura. Portanto, deveríamos voluntariamente levar essa vida à morte; deveríamos ter plena compreensão da pobreza dessa vida e odiá-la.

Qual o resultado da morte dessa vida? O resultado são os muitos grãos. O motivo, o real motivo de o Senhor não poder usar-nos é que trabalhamos pelo nosso intelecto, amor etc. Essa vida da alma é de nível inferior; não é de nível elevado. Sendo assim, dificilmente poderá dar fruto. Embora tenha alguns méritos, somente "o que é nascido do Espírito é espírito". A vida do ego, e tudo o mais que a acompanha, é completamente inútil. Se realmente colocarmos a nós mesmos, nossa vida do ego, isto é, tudo o que podemos fazer e tudo o que somos, completamente na cruz do Senhor, veremos como o Senhor nos usará. Se estivermos vazios interiormente, não haverá qualquer barreira para a água viva de Deus jorrar de nós. Esse tipo de dar fruto é diferente do tipo comum de dar fruto, pois o fruto que produzimos são

"muitos". O nosso dar fruto depende totalmente da nossa morte.

Portanto, crentes, assim como nosso ego nos havia preenchido, assim também agora Cristo nos deve preencher. Caso contrário ainda não teremos recebido a salvação plena. A chave para receber a salvação e a chave para ser salvos é ser libertados do ego. É fácil um crente que vive no ego cair em pecado. Essa é a razão pela qual para morrer completamente para o pecado, deve-se morrer completamente para o ego. Cristo não é apenas o Salvador que nos livra do pecado; é também o Salvador que nos salva do ego. Morrer para o ego é a única vereda para o viver espiritual. Contudo, além de Deus, ninguém pode levar nossa vida do ego à morte. Entretanto, se não estivermos dispostos, Deus nada pode fazer. A atividade do ego algumas vezes está completamente oculta sob um véu espiritual. Um crente pode não reconhecê-la de imediato por si mesmo. Essa é a razão de Deus ter de remover o véu por meio de todos os tipos de circunstâncias exteriores para que o crente venha a conhecer a si mesmo. A coisa mais difícil é uma pessoa conhecer a si mesma. Não nos conhecemos. E por isso que temos de passar pela mão disciplinadora de Deus antes de perceber a maldade do ego. Se na experiência não morremos para o ego, não obtivemos nenhum progresso real na vida espiritual. Se você e eu estivermos dispostos a deixar o Espírito Santo do Senhor aplicar a morte do ego a nós e operá-la em nós hoje, veremos grande progresso em nossa vida.

Irmãos! Possamos declarar juntos em unanimidade: "Não seja como Eu quero, e, sim, como Tu [o Pai] queres" (Mt 26:39)!

O artigo acima lida com questões relativas à vida espiritual. Que o leitor não considere isso como uma espécie de teoria. Deve-se comparar a experiência espiritual com as palavras ditas aqui. Fazendo isso, entender-se-á essas palavras. Todos somos bebês em Cristo. Que o Senhor nos dirija passo a passo. Se não temos a experiência da morte do ego, é melhor dizer que não a temos. Contudo, nunca devemos tomar a vida do ego como se fosse a vida espiritual. Que Deus nos abençoe!

CAPÍTULO DOIS

O TEMPO DA CRUZ — A ETERNIDADE DA CRUZ

(O presente artigo foi publicado pela primeira vez, no Volume 1, Número 3 da revista *The Christian* [O Cristão] em janeiro de 1926.)

Toda vez que consideramos a cruz, ela causa admiração em nós! Toda vez que nos lembramos da redenção do Senhor Jesus, nosso coração é preenchido tanto por tristeza como por júbilo. Para nós, a cruz do Senhor não é somente uma cruz de madeira, mas um símbolo da Sua obra redentora completa e da plena salvação realizada por essa obra redentora.

De início, quando recebi o Senhor Jesus, freqüentemente procurava descobrir como os homens no Antigo Testamento, que vieram antes da época da crucificação do Senhor, poderiam ser salvos. Naqueles dias eu era um bebê no Senhor e estava intrigado com essa questão.

Nos últimos anos, não tenho visto muito do vigoroso poder da cruz manifestado nos cristãos. Parece-lhes que a morte do Senhor é algo que ocorreu há muito tempo, há mais de dezenove séculos. Sendo assim, ela não parece ter qualquer poder.

Agradeço ao Pai por recentemente ter-me mostrado a eternidade da cruz. Devido aos dois conceitos acima mencionados, acho necessário que os santos de Deus estejam familiarizados com o ensinamento da "eternidade"da cruz. Se percebermos que a cruz ainda é extremamente alentadora, quanto seremos tocados por ela!

A MORTE DO SENHOR RELACIONADA COM A ANTIGA E A NOVA ALIANÇA

Podemos ler primeiramente Hebreus 9:15-17: "Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados. Porque, onde há testamento [a mesma palavra para *aliança* no original], é necessário que intervenha a morte do testador; pois um testamento [aliança] só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador". Esses poucos versículos nos mostram a relação entre a morte de Cristo na cruz e a antiga e a nova aliança. Sob a antiga aliança, os homens pecaram da mesma forma que o fazem agora. Uma vez que existia o pecado, havia a necessidade do Salvador. Se um homem pecou e não recebeu o perdão de Deus, ele terá de suportar seu próprio julgamento do pecado. Deus não pode perdoar o pecado do homem simplesmente pela Sua misericórdia. Fazer isso colocá-Lo-ia em injustiça. Por essa razão, na redenção à maneira de Deus, Ele estabeleceu o caminho da substituição. Sob a antiga aliança, Ele utilizava muitos sacrifícios e ofertas para fazer propiciação pelos pecados do homem. Uma vez que muitos animais morriam a favor do homem, este recebia o justo perdão de Deus. A palavra "propiciação" no hebraico significa "encobrir". Sob a antiga aliança, a propiciação era somente um encobrimento dos pecados do homem com o sangue de animais, pois a Bíblia claramente diz: "Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados" (Hb 10:4). Por essa causa, na plenitude dos tempos Deus enviou Seu Filho ao mundo para morrer pelos homens. Por meio de Sua única oferta de Si mesmo, a salvação eterna da redenção foi cumprida. Os pecados que não eram removidos pelo sangue de touros e bodes, no Antigo Testamento, são agora removidos por meio da Sua morte, pois Ele é o "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1:29). A morte de Cristo conferiu grande mudança à história: dividiu a era do Antigo Testamento da do Novo Testamento. Antes dela tínhamos a era do Antigo Testamento; após ela temos a era do Novo Testamento. A leitura dos versículos mencionados acima abrange esse ponto.

Esses três versículos falam sobre dois tipos de relacionamento que a morte do Senhor

tem com a antiga e a nova aliança. Hebreus 9:15 mostra como Ele é o Mediador. Os versículos 16 e 17 mostram como Ele se tornou o que fez o testamento.

Vimos que todos os homens na primeira aliança eram pecadores. Embora oferecessem a Deus animais como propiciação por seus pecados, estes foram apenas cobertos; não foram removidos. Naquela época, Deus perdoou seus pecados porque pelo sangue de muitos sacrifícios Ele viu, à distância, o sangue de Seu Filho e a sua eficácia. Entretanto, a menos que o Senhor Jesus morresse, Deus ainda não poderia terminar com o problema do pecado na primeira aliança. O pecado precisa ser removido. Quando Cristo morreu, o pecado sob a primeira aliança foi removido. Podemos ver de outro ângulo a relação que a morte do Senhor tem com a primeira aliança. Toda aliança tem as suas condições. A antiga aliança também tinha suas exigências. Quando o homem ficava aquém desses requisitos, ele pecava. A punição pelo pecado é a morte. É por isso que o Senhor Jesus teve de morrer a favor dos que estavam na primeira aliança e redimi-los de seus pecados. Ele cumpriu todos os requisitos da primeira aliança, terminou-a e iniciou a nova aliança.

Por Sua morte, Ele redimiu o homem dos pecados cometidos na primeira aliança e tornou-se o Mediador da nova aliança. Ele ser o Mediador da nova aliança está baseado na Sua redenção dos pecados dos que estavam na primeira aliança. Originalmente, o homem deveria receber a promessa da herança eterna. Entretanto, devido ao seu pecado, ele foi impedido de herdá-la. Agora o Senhor Jesus morreu. O homem está redimido do pecado e os chamados estão qualificados a receber a herança eterna. Portanto, o Senhor Jesus tornou-se o Mediador por meio da morte na cruz. Por um lado, Ele deu fim aos pecados da antiga aliança; por outro, introduziu a bênção da nova aliança. Tudo isso está relacionado com o fato de Ele ser o Mediador.

A seguir devemos considerá-Lo como o que fez o testamento. A palavra "testamento" é "aliança" na língua original. Na explanação acima, vimos a lei da aliança. Todos os que transgrediam a lei morriam. Cristo morreu para redimir-nos do pecado. Posto isso, consideremos o testamento da aliança. Um testamento significa um arranjo feito por um testador para a passagem de suas posses, quando da sua morte, para seu herdeiro. O Senhor Jesus é o Testador, o que fez o testamento. Todas as bênçãos desta era e da próxima pertencem a Ele. Assim como Ele desejava carregar os pecados dos que estavam na primeira aliança, da mesma forma Ele deseja conceder tudo o que é prometido nessa aliança (testamento). Para que pudesse redimir o homem de seus pecados, Ele teve de morrer. Para que o homem pudesse herdar o testamento, Ele também teve de morrer. Se um homem estiver vivo, o testamento que ele fizer não estará em vigor. Ele deve morrer antes que o herdeiro possa receber a herança. Aqui vemos o profundo relacionamento entre a morte de Cristo e a antiga e a nova aliança. Resumindo, sem a Sua morte não haveria a antiga e a nova aliança. Sem a Sua morte, o Antigo Testamento não poderia ser completo, pois o requisito da Sua lei não teria sido satisfeito. Sem a Sua morte não poderia haver o Novo Testamento, porque não haveria maneira de a bênção do Seu testamento ser concedida aos chamados. Mas o Senhor morreu, e terminou a primeira aliança e decretou a segunda. De fato, o Novo Testamento foi decretado por Seu sangue.

COMO OS HOMENS ERAM SALVOS NO ANTIGO TESTAMENTO?

Se o sangue de touros e bodes não era capaz de remover pecado, como mencionamos anteriormente, como, então, os homens no Antigo Testamento eram salvos? Pela cruz. O homem havia pecado. Portanto, somente um homem podia cumprir a redenção do pecado. Embora os animais fossem inocentes e sem mácula, eles não podiam redimir o homem de seus pecados. Por que, então, Deus prometeu, em Levítico 17, que o sangue de criaturas era capaz de redimir alguém do pecado? Deve existir algum significado muito profundo aqui. As coisas da lei são "sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo" (Cl 2:17). Portanto, todos os sacrifícios e ofertas no Antigo Testamento referem-se a Cristo. Apesar de

Cristo ainda não ter morrido na época da primeira aliança, Deus pretendia que todos os sacrifícios oferecidos naquele período fossem prefigurações de Cristo. A morte deles era tomada como a morte de Cristo. Por intermédio do sangue de muitos animais, Deus contemplava o sangue de Seu Filho amado. Por meio de muitos touros e bodes, Ele via "o Cordeiro de Deus". Nos muitos sacrifícios, Ele contemplava a morte substitutiva de Cristo. Ao aceitar aquelas ofertas, era como se aceitasse o valor da morte de Seu Filho. Por causa disso, o homem era redimido dos pecados. Ele reconheceu nos inocentes touros e bodes o Seu querido Filho. Assim Ele podia perdoar os pecadores com base nos sacrifícios que ofereciam. Toda vez que as ofertas eram imoladas, elas falavam do sacrifício vindouro do Filho de Deus como a oferta pelo pecado no Gólgota e do Seu cumprimento da eterna obra de salvação. Pelo fato de o Senhor ser um homem, Ele é capaz de redimir o homem do pecado. Por ser Ele Deus, é capaz de redimir dos pecados todos os homens, do passado e presente.

Os que ofereciam os sacrifícios no Antigo Testamento, consciente ou inconscientemente, criam em um Salvador crucificado que havia de vir. Todos os seus sacrifícios eram para fazê-los voltar ao Salvador que viria. Embora o Senhor Jesus ainda não tivesse nascido naquela época, a fé não contemplava o que podia ser visto. Pelo contrário, ela contemplava o que não podia ser visto. A fé viu ao longe um Salvador vicário e creu Nele. Quando chegou o tempo, o Filho de Deus veio e morreu pelos homens. Então, o que havia sido apenas questão de fé, tornou-se fato.

COMO OS HOMENS SÃO SALVOS NO NOVO TESTAMENTO?

Sabemos que estamos na era do novo testamento. Como somos salvos nesta era? Cristo morreu e a salvação foi consumada. Se crermos no Senhor Jesus, que significa recebê-Lo pela fé como o Salvador, seremos salvos. Alguns têm dificuldade para compreender como Cristo pôde morrer por eles mesmo antes de terem nascido. De fato, isso representa um problema para os sentidos físicos. Contudo, para a fé, é uma verdade gloriosa.

Primeiramente, precisamos perceber que o tempo não pode restringir Deus. Para nós, mortais, umas poucas décadas são um longo tempo, mas o nosso Deus é eterno. Para Ele, até mesmo mil anos não significam muito. Embora o tempo possa restringir-nos, ele não pode restringi-Lo. Sendo assim, muito embora tenhamos crido em um Senhor que morreu por nós uma única vez, há muitos anos, somos salvos.

A Bíblia diz que o Senhor Jesus ofereceu-se a Si mesmo uma vez por todas e cumpriu a obra da redenção (Hb 7:27). Ele é Deus, por isso pode transcender o tempo para redimir os que viveram milhares de anos antes Dele, bem como os que vivem milhares de anos depois Dele. E Ele não somente pode redimir estes; se, infelizmente, o mundo continuar por outros milhares de anos, a Sua redenção ainda será eficaz. Uma vez que Ele terminou a Sua obra, ela foi cumprida eternamente. Se um pecador desejar ser salvo agora, o Senhor não precisa morrer por ele novamente. Ele só precisa aceitar o valor da oferta única do Senhor e será salvo. A nossa fé também não é restringida pelo tempo; a fé pode conduzir alguém para a realidade da eternidade. Assim como os homens no Antigo Testamento contemplaram um Salvador vindouro e foram salvos, da mesma forma contemplamos um Salvador no passado e somos salvos. O fato de a questão ter sido no passado não significa que tenha terminado. Pelo contrário, significa que está feito. Os homens no Antigo Testamento olhavam para frente; nós, no tempo presente, olhamos para trás. A fé levou os do Antigo Testamento a aceitar um Salvador que viria. Não irá a nossa fé levar-nos a aceitar um Salvador que passou?

Ao ler Hebreus 9:12-15 seria muito significativo se ligássemos os três "eternos" desses versículos. O que o Senhor cumpriu foi uma redenção eterna. Portanto, quando alguém crê Nele, recebe essa redenção. É necessário percebermos que a importância da cruz não foi determinada pelo homem, e, sim, por Deus. Deus avalia a redenção da cruz como sendo eterna. Por conseguinte, nós, pecadores que não temos justiça própria, deveríamos reconhecer a palavra de Deus como verdadeira, agir de acordo com ela, crer na cruz do Seu

Filho e ser salvos.

O TEMPO DA CRUZ

Esse é o ponto mais crucial. Embora a Bíblia diga que o Senhor Jesus ofereceu um único sacrifício pelos pecados, ela ressalta que "tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se" (Hb 10:12). A palavra "único" significa que o sacrifício do Senhor pelos pecados foi perfeito; Ele somente teve de redimir o homem dos pecados uma vez. Entretanto, esse sacrifício pelos pecados é para sempre. É um eterno sacrifício pelos pecados! Isso quer dizer que não somente o efeito desse sacrifício pelos pecados é eterno, mas o próprio sacrifício é eterno. Muito embora Cristo tenha ressuscitado e viva eternamente, .parece que a Sua cruz continua a existir! Que possamos perceber a eternidade da cruz! Não se trata de um acontecimento ocorrido há mil e novecentos anos. Hoje ele permanece cheio de frescor.

Apocalipse 13:8 diz: "Do Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo". O nosso Senhor é o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo, até agora e eternamente. Para Ele, a cruz não é meramente um evento de determinado tempo, em determinada data, de determinado mês, de determinado ano. Pelo contrário, é algo que tem existido desde a fundação do mundo até agora. Ao criar o homem, Ele já sabia de antemão o preço da redenção vindoura. Ele criou o homem com Seu poder. Da mesma maneira redimiu o homem com Seu sangue. É como se fosse crucificado desde o início quando criou o homem. Por milhares de anos Ele suportou o prolongado sofrimento da cruz. A morte única no Gólgota simplesmente expressou a aflição que o Espírito de Deus havia suportado por longo tempo. Que graça! Que maravilha! Não temos palavras para expressar o significado desse versículo. Antes de o Senhor Jesus deixar o céu e enquanto ainda estava na glória, Ele já conhecia o sofrimento da cruz. Ele o conhecia durante os milhares de anos antes de vir. Ele conhecia isso na época da criação. Desde a eternidade passada, a cruz tem estado no coração de Deus. Ao considerar como, na eternidade passada, Deus sabia que iria criar o homem e este iria cair, nós percebemos como o Seu coração, humanamente falando, deve ter-se afligido com isso. Por amar tanto os homens, Ele determinou antes da fundação do mundo que Cristo morreria em nosso favor (1 Pe 1:20). Embora Cristo tenha aparecido uma única vez, nos últimos tempos, pelos nossos pecados, por causa do Seu amor pelo mundo Ele vem sofrendo aflição e dor desde a fundação do mundo, como se já houvesse sido crucificado milhares de vezes! Que lástima que muitos, ainda agora, O aflijam, como que crucificando-O novamente. Quando ficamos cientes de Seu tão grande amor, nada podemos fazer senão ficar maravilhados e admirados diante Dele! Esse é o coração de Deus! Se percebermos isso, não amaremos a Deus muito mais? Portanto, humanamente falando, os do Antigo Testamento criam em uma cruz vindoura, enquanto os do Novo Testamento crêem em uma cruz do passado. Na verdade, não existe distinção de tempo e período. A cruz do Antigo Testamento é algo presente e a cruz do Novo Testamento também é algo presente. Possa o Senhor abrir-nos os olhos a fim de vermos que a cruz independe do tempo.

O ETERNO FRESCOR DA CRUZ

Os do Antigo Testamento morreram. Portanto, prestaremos atenção somente aos do tempo presente. Muitos afastam a cruz de volta mil e novecentos anos e consideram-na velha, ultrapassada e obsoleta. Embora seja verdade que a história da humanidade considere o Gólgota de Cristo como um acontecimento histórico, na experiência espiritual dos crentes a cruz de Cristo ainda é um evento fresco. Não é algo velho, ultrapassado ou obsoleto. Podemos considerar alguns versículos:

Hebreus 10:19-20 diz: "Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos

Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne". Para compreender esses dois versículos, precisamos entender as coisas mencionadas no Antigo Testamento. Nos tempos antigos, o tabernáculo era dividido em duas seções. A primeira era chamada de Lugar Santo e a segunda, de Santo dos Santos. As duas seções eram separadas por um véu. Os que entravam no Santo dos Santos tinham de passar pelo véu. A glória de Deus era manifestada dentro do Santo dos Santos. Nenhuma pessoa comum podia entrar ali. Somente o sumo sacerdote podia entrar nele uma vez ao ano. Antes de fazê-lo, ele devia primeiramente oferecer sacrifícios e fazer propiciação por si mesmo e pelo povo, e a seguir entrar com o sangue de touros e bodes. Ora, quanto a nós, entramos no Santo dos Santos por meio do sangue do Senhor Jesus. Isso representa a cruz. Antigamente o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos somente uma vez ao ano. Agora, pela cruz do Senhor Jesus, podemos entrar nele a qualquer momento. Qual é o significado de entrar no Santo dos Santos? Significa que podemos achegar-nos a Deus a fim de confessar os pecados, ter comunhão com Ele e estar na Sua presença.

Os que entravam no Santo dos Santos tinham de passar pelo véu, que representa o corpo do Senhor Jesus. Quando Ele foi crucificado, o véu do templo foi rasgado ao meio de alto a baixo. Se não tivesse sido rasgado, os homens não poderiam ter passado por ele. Se o Senhor Jesus não tivesse morrido e não tivesse tido Seu corpo partido, os homens não poderiam passar por ele e não poderiam entrar no Santo dos Santos. No tempo presente, achegamo-nos a Deus por intermédio da morte do Senhor Jesus. Isso também representa a cruz.

Nossa Bíblia nos diz que esse caminho pelo véu tornou-se acessível a nós por causa do Senhor Jesus. De fato, Ele voluntariamente entregou a vida para redimir-nos.

Necessitamos atentar ao fato de que esse caminho é "novo e vivo". A palavra "novo" na língua original refere-se a algo recém-oferecido ou recém-sacrificado. Aqui vemos o eterno frescor da cruz! O sumo sacerdote não podia confiar nas ofertas e sacrifícios dos anos anteriores. Ele devia ter ofertas frescas e sacrifícios frescos. Ele somente tinha ousadia e era capaz de entrar no Santo dos Santos por meio do sangue desses animais. E quanto a nós, agora? Nós nos achegamos a Deus pelo sangue do Senhor e pelo Seu corpo. Toda vez que vimos à presença de Deus, não precisamos oferecer sacrifícios novamente. O nosso Sacrifício é eternamente fresco! A cruz do Senhor Jesus não envelhece com os anos. O seu frescor é o mesmo hoje e eternamente assim como o foi no momento da crucificação. Toda vez que nos achegamos a Deus, podemos perceber o frescor da cruz do Senhor. Nos tempos antigos, a menos que o sumo sacerdote tivesse sangue fresco de sacrifícios recém-ofertados, ele morreria diante do Senhor. O sacrifício dos anos anteriores não poderia redimi-lo dos pecados no presente ano. Se Deus não considerasse o sacrifício redentor do Senhor como eternamente fresco, teríamos perecido há muito tempo. Graças ao Senhor que a cruz é eternamente fresca perante Ele. O Senhor considera a crucificação como algo recém-cumprido.

Esse caminho também é "vivo". Essa palavra pode também ser traduzida para "eternamente vivo". Esse é um caminho "recém-oferecido". É também um caminho "eternamente vivo". Cristo morreu e ressuscitou; Ele cumpriu a salvação por nós e nos conduziu a Deus. Devemos saber que Ele ressuscitou e a Sua ressurreição permanece até hoje. Também devemos saber que Ele morreu e a Sua morte substitutiva continua até hoje. Os maiores acontecimentos na vida terrena de Cristo foram a Sua morte e ressurreição. Ambas não são eventos passados, obsoletos; ainda são frescas hoje. Visto que temos tal Salvador redentor novo, deveríamos recebê-Lo e vir a Deus por meio Dele a fim de receber perdão e bênção.

Apocalipse 5 registra como João viu o Senhor Jesus Cristo no céu. Ele disse: "Então vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto" (v. 6). Esse é um quadro do futuro. Quando João viu o Senhor no céu, haviam decorrido muitos anos desde o Gólgota. Contudo, o Senhor era como Aquele que acabara de ser morto. As palavras "tendo sido morto" podem também ser traduzidas por

"tendo sido recentemente morto". No céu, no momento de introduzir a eternidade, o Senhor ainda será o que foi morto recentemente! Oh! o eterno frescor da cruz! Verdadeiramente a cruz atravessa todas as eras e continua cheia de frescor! Se a cruz será cheia de frescor no céu naquele dia, como podemos considerá-la velha hoje? Futuramente, quando a glória celestial irromper, a glória da cruz provará ser imarcescível! Quando os redimidos de Deus ascenderem ao céu, encontrarão a redenção da cruz tão fresca quanto antes!

Há um ponto que merece nossa atenção. No Antigo Testamento Cristo é chamado de Cordeiro duas vezes (Is 53:7; Jr 11:19). Nos Evangelhos e Atos Ele é mencionado como o Cordeiro três vezes (Jo 1:29, 36; At 8:32). Nas Epístolas Ele é mencionado como o Cordeiro uma vez (1 Pe 1:19). Entretanto, em Apocalipse Ele é citado como o Cordeiro vinte e oito vezes! A glória da cruz do Senhor excederá em fulgor por todas as eras! Deus propositadamente chamou a Seu Filho de Cordeiro nesse livro da eternidade. O Cordeiro aqui é visto como tendo sido recentemente morto. A ferida ainda está ali! A eterna ferida garante a eterna salvação. A crucificação do Cordeiro torna-se o nosso memorial eterno. Deus jamais pode esquecer-se disso. Os anjos nunca podem esquecer-se disso e os ascendidos e salvos nunca podem esquecer-se da redenção da cruz. Quem receberá essa salvação eterna? A cruz é o único lugar inabalável. Todos os que pecaram deveriam vir.

O MEMORIAL DA CRUZ

O próprio Deus sabe do valor eterno da cruz de Seu Filho. Ele manifestou a todos o eterno frescor da cruz de Seu Filho. Agora Ele deseja ganhar os redimidos para que também conheçam esse fato. A percepção do frescor eterno da cruz traz poder. A percepção do frescor eterno da cruz traz amor. A percepção do frescor eterno da cruz traz vitória. A percepção do frescor eterno da cruz traz longanimidade. Se verdadeiramente conhecermos o frescor da cruz, que inspiração receberemos dela! Que motivação obteremos dela! Se a cruz não está velha no nosso coração, certamente teremos uma comunhão íntima com o nosso Senhor. Se um crente se esqueceu da cruz, isso indica que se esqueceu do Senhor.

O Senhor pretende que a Sua cruz seja eternamente fresca em nosso espírito e em nossa mente. Essa é a razão de Ele nos dizer: "Fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim" (1 Co 11:25). As palavras "todas as vezes" significam "sempre". O motivo de o Senhor estabelecer a Sua ceia é que os Seus santos lembrem-se sempre Dele em Sua morte. Ele anteviu que muitos considerariam Sua cruz obsoleta. Por isso Ele encarregou Seus discípulos de sempre lembrar Sua morte na ceia do Senhor. Ele sabia que os afazeres seculares, distrações e tentações viriam e secretamente roubariam de nós o frescor da cruz. E é por isso que Ele encarregou-nos de tomar a ceia com freqüência e de nos lembrar Dele. Como era fresca a cruz para nós assim que cremos! Mas, após muitos dias, a cruz parece ter-se tornado nebulosa. Quando pela primeira vez percebemos a vitória da cruz, quão fresca ela era para . nós! Todavia, pela freqüente menção da sua glória, a cruz parece ter-se tornado comum. Entretanto, o Senhor não nos quer ver perder o frescor da cruz. Ele deseja que nos lembremos dela freqüentemente e que sempre tenhamos a morte do Senhor diante de nós.

É lamentável que tenhamos perdido a inspiração da cruz do Senhor Jesus. A crucificação do Senhor deveria estar exposta ante nossos olhos todo o tempo (Gl 3:1). Nunca devemos considerar a cruz do Senhor como simples monumento histórico.

O livro de Gálatas é uma epístola a respeito da cruz. Quando ela foi exposta diante dos gálatas, quão livres eles ficaram! Ao tentar receber o Espírito Santo guardando a lei ou ser aperfeiçoados pela obra da carne, eles perderam o frescor da cruz. Pode-se dizer qual a condição espiritual de um santo simplesmente pela sua atitude em relação à cruz. Se ele a considera algo velho, isso mostra que ele está afastado da fonte do seu poder.

A CRUZ E A ESPIRITUALIDADE

Quais os benefícios de se conhecer o frescor da cruz? São inumeráveis. Sabemos que qualquer coisa nova facilmente impressiona os homens. Se alguma coisa ocorreu há muito tempo, ela não tem o poder de comovê-los. Se tivermos a cruz do Senhor exposta diante de nós, todos os dias, quanto seremos motivados por ela! José nos tempos antigos somente desejava ser um discípulo de Cristo secretamente. Nicodemos só ousou ir ver o Senhor à noite. Mas quando ambos viram a crucificação do Senhor, foram motivados fortemente. Como resultado, eles arriscaram ofender a multidão e pediram o corpo do Senhor para O sepultar. A cruz pode fazer dos mais medrosos dos homens, os mais corajosos. Quando viram Jesus na cruz e como sofria e era repreendido pelos homens, o amor da cruz os inspirou e os motivou. Portanto, se tivermos a morte de Cristo diante de nós todo o tempo, seremos motivados da mesma maneira que eles o foram. A cruz, então, tornar-se-á a nossa força.

"Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?" (Rm 6:1). Deveríamos ser capazes de responder a essa pergunta. Se verdadeiramente virmos a cruz do Senhor a todo o momento, se virmos como Ele sofreu ali, se virmos os ferimentos em Suas mãos e pés, e a coroa de espinhos sobre a Sua cabeça, se virmos como o Seu amor e sangue se misturaram e se virmos Seus sofrimentos e tristeza, acaso não seremos profundamente motivados e não cessaremos de fazer coisas que não O agradam ou que Lhe causem sofrimento? É por nos faltar o eterno frescor da revelação da cruz diante de nós que desprezamos o amor do Senhor.

Se a cruz na qual o Senhor morreu por nós for eternamente cheia de frescor, a nossa crucificação com Ele também se tornará imutável. Se tivermos revelação fresca da cruz dia após dia, acrescentaremos a nós mesmos muitas experiências frescas de fé em nosso morrer juntamente com Ele. É devido ao fato de não vermos uma cruz diária que temos muitas experiências do pecado ressuscitando em nós. Se virmos o eterno frescor da cruz e a sua natureza sempre imutável, a nossa morte para o pecado também será imutável. Muitos filhos de Deus fracassam por não perceber que a morte na cruz não é simplesmente algo que ocorreu uma vez por todas, mas algo que está continuamente conosco, todo o tempo.

Sabemos que muitas vezes caímos inconscientemente. Graças a Deus Pai que não nos rejeita por isso. A Bíblia diz que "o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 Jo 1:7). Ele não nos purificou apenas uma vez. O sangue de Seu Filho ainda nos purifica continuamente. A palavra "purifica" no original tem o sentido de ação contínua. Essa é a incessante obra da cruz. Quão maravilhoso é que Deus nos tenha preparado tal salvação! Se tropeçarmos sem querer e viermos a Ele e confessarmos os pecados, Ele nos perdoará e o sangue de Seu Filho nos purificará de todo pecado. Que frescor eterno há na cruz!

A SALVAÇÃO ETERNA

Se percebermos isso, vamos exclamar com altos louvores a Deus Pai. Lamentavelmente, muitas pessoas não sabem que são salvas para sempre. Somos não salvos ou somos salvos para sempre. Se realmente aceitamos uma vez o sacrifício do Senhor pelo pecado e se uma vez cremos de fato no valor da Sua cruz, ela falará por nós eternamente. "Esta é a lei do holocausto: o holocausto ficará na lareira do altar toda a noite até pela manhã, e nela se manterá aceso o fogo do altar" (Lv 6:9). O holocausto é um tipo de Cristo e o altar é um tipo da cruz. A noite é um tipo da presente era sem Cristo. É a mesma noite de Romanos 13:12. Uma vez que o Sol da justiça (o Senhor Jesus) partiu deste mundo, este tornou-se a noite. Continuará sendo a noite até que Ele venha novamente. O holocausto estará queimando até o romper do dia! Na presente era, o valor da redenção do Senhor está continuamente suplicando por nós! A noite, os israelitas poderiam estar no acampamento ainda a murmurar, mas o holocausto sobre o altar continuamente intercedia por eles! Deveríamos perceber que,

de semelhante modo, o sangue intercede por nós. Uma vez que tenhamos aceitado a cruz, ela fala por nós eternamente! Isso é a salvação eterna.

No futuro, quando virmos a cruz no céu, ela não terá envelhecido através das eras. Por isso, a salvação que temos recebido não se tornará mero monumento através do tempo. A eternidade não será uma vida monótona e sem gosto; ela pode ser longa, mas não tirará a glória da cruz. Na eternidade, veremos Deus desvendar a glória da cruz a nós, pouco a pouco.

"Senhor, ensina-nos o eterno frescor da cruz!" Por que razão as hostes celestiais louvam ao Senhor? "Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e Sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor" (Ap 5:12). Naquele dia, também louvaremos ao Senhor para sempre por causa da Sua cruz. A cruz é o tema da Bíblia, hoje, na terra. Ela será a causa do louvor na glória, no futuro.

Irmãos! quão fresca é a cruz! Ela não conhece o significado do tempo; não sabe o que é velhice. Que sejamos constantemente motivados por ela! Oh! que possamos perder-nos na cruz, todos os dias da nossa vida! Oh! que ela não perca seu poder sobre nós um dia sequer! Oh! que permitamos que ela faça uma obra mais profunda em nós cada dia! Possa o Pai abrir-nos os olhos a fim de vermos o mistério oculto na cruz de Seu Filho. "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6:14).

CAPÍTULO TRÊS

O MENSAGEIRO DA CRUZ

(O que se segue é um artigo escrito pelo irmão Watchman Nee em Kulongsu, Amoi, em 15 de janeiro de 1926.)

Ultimamente muitas pessoas parecem estar cansadas de ouvir a palavra da cruz. Entretanto, agradecemos e louvamos a Deus Pai por Ele ter reservado para Seu próprio nome muitos fiéis que não dobraram os joelhos a Baal. Todavia, sinto que há algo que os fiéis servos de Cristo devem conhecer. Por que, após haverem labutado tanto na pregação a respeito da cruz, os resultados têm sido tão desencorajadores e as pessoas não têm tido muita mudança em sua vida após ouvir a verdadeira Palavra de Deus? Penso que esse problema é digno da nossa maior atenção. Nós, que laboramos pelo Senhor devemos entender por que os outros não são subjugados pelo evangelho que pregamos. Espero que possamos orar calmamente diante do Senhor e pedir que o Espírito de Deus ilumine nosso coração a fim de sabermos onde se encontra nossa falha.

No tempo presente, deveríamos atentar à palavra que pregamos. Não precisamos mencionar os que pregam o falso evangelho. A crença deles de qualquer forma está errada. O que pregamos é a crucificação do Senhor Jesus Cristo e como ela salva os pecadores da condenação do pecado e do poder do pecado. Ao pregar, damos muita atenção ao esboço, à lógica e ao pensamento. Fazemos o melhor que podemos para tornar nosso falar claro. Dessa forma, mesmo a pessoa mais iletrada pode entender. Também damos atenção à psique do homem e empenhamo-nos o máximo em nossa eloqüência para corresponder ela. O que pregamos é verdadeiro e bíblico: o nosso tema é a cruz do Senhor Jesus. Sabemos que o Senhor Jesus morreu pelos pecadores na cruz para que todo o que Nele crê seja salvo à parte de qualquer obra. Também sabemos que a crucificação do Senhor Jesus não visa somente a substituição, mas também a crucificação do pecador e juntamente com ele seu pecado. Conhecemos a maneira de ser salvos. Sabemos como morrer com o Senhor, como aplicar a morte do Senhor pela fé e como morrer com Ele a fim de lidar com o pecado e o ego. Também temos clareza acerca de outras doutrinas afins na Bíblia. A nossa pregação é apresentada de maneira exata e clara para que qualquer dos ouvintes possa compreendê-la. Os ouvintes prestam muita atenção a nós quando pregamos a cruz do Senhor; eles gostam dela e são tocados por ela. Podemos mesmo ser dotados de eloqüência e ser aptos a apresentar a verdade de modo persuasivo. Podemos pensar que nossa obra é muito eficaz! Sob tais circunstâncias, deveríamos ver muitas pessoas recebendo vida e muitos crentes ganhando a mais abundante vida. Entretanto, os resultados são contrários ao que esperamos. Embora os ouvintes sejam tocados no local de reunião, eles não ganham qualquer coisa que esperávamos vê-los ganhar após deixar o local de reunião, muito embora as palavras ainda estejam frescas na mente deles. Eles não têm qualquer mudança em sua vida. Entendem o que pregamos, mas isso não tem qualquer influência em seu viver diário. Apenas armazenam no cérebro a palavra pregada. Eles não a aplicam no coração.

Uma possível explicação para isso é que o que você possui é apenas eloqüência, palavras e sabedoria. É como se atrás de suas palavras não houvesse o poder que toca o coração das pessoas. Você tem as melhores palavras e a melhor voz, contudo atrás das palavras e da voz você não tem o tipo de poder que "controla" a vida das pessoas. Em outras palavras, você pode fazer com que as pessoas ouçam-no atentamente no local de reunião, mas o Espírito Santo não coopera com você. Portanto, seu labor é ineficiente e não produz resultados duradouros. Suas palavras não conseguem deixar marca duradoura na vida das pessoas. Apesar de da sua boca fluírem palavras, de seu espírito não flui vida para alimentar, levantar e vivificar os ouvintes que perecem.

Nos últimos anos, o Senhor tem-me dito para ser cuidadoso quanto a esse tipo de pregação. Não almejamos ser oradores populares (nosso Senhor é doador de vida). Nós almejamos ser canais de vida, conduzindo-a para dentro do coração das pessoas. Ao pregar a cruz, deveríamos ter a vida da cruz fluindo para a vida de outros. A coisa mais lamentável a meu ver é que, embora muitos preguem a cruz hoje, as pessoas não têm ganhado a vida de Deus. Elas parecem concordar com nossas palavras e recebem-na alegremente; contudo, não têm recebido a vida de Deus. Muitas vezes, enquanto pregamos a morte substitutiva da cruz, os homens parecem entender o significado e o porquê da substituição, e ser tocados no momento. Entretanto, não podemos ver a graça de Deus operando nos ouvintes a ponto de, verdadeiramente, obterem a vida regenerada. Pregamos também a co-crucificação e a explicamos de maneira bem clara e comovente. No momento em que as pessoas ouvem, podem orar e decidir-se a morrer juntamente com o Senhor e a ganhar as experiências de vencer o pecado e o ego. Mas após tudo haver terminado, não as vemos ganhar a mais abundante vida de Deus. Tais resultados entristecem-me muito. Isso faz com que me humilhe diante do Senhor a fim de buscar a Sua luz. Se tiver a mesma experiência que eu, espero que você se contriste diante do Senhor como eu e arrependamo-nos das nossas faltas. O que nos falta de fato no momento são homens e mulheres que preguem a cruz, contudo o que mais necessitamos além disso são pregadores que preguem a cruz no poder do Espírito Santo.

Leiamos agora a Palavra de Deus. Paulo disse: "Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder" (1 Co 2:1-4). Nesses versículos vemos três coisas: 1) a mensagem que Paulo pregou; 2) a pessoa do próprio Paulo, e 3) a maneira com que Paulo pregou sua mensagem.

A MENSAGEM PREGADA POR PAULO

A mensagem que Paulo pregou foi o Senhor Jesus Cristo, e este crucificado. O assunto da sua pregação foi a cruz de Cristo e o Cristo crucificado. Ele nada sabia exceto isso. Se esquecermos da cruz e não fizermos dela e de Cristo nosso único assunto, quanto nós e nossos ouvintes iremos perder! Creio que certamente não somos dos que não pregam a cruz.

A nossa mensagem e assunto podem ser bons.

Todavia, não temos a experiência de ter uma mensagem boa e, ainda assim, ser incapazes de dispensar vida a outros? Deixe-me ressaltar que uma vez que a mensagem que pregamos é importante, se ela não pode dar vida a outros, a nossa obra é quase totalmente vã. Deveríamos lembrar que o objetivo da nossa obra é dar vida às pessoas. Pregamos a morte substitutiva da cruz para que Deus dê a Sua vida aos que crêem. Se as pessoas são incitadas ou estimuladas ou até se arrependem e concordam com o que pregamos, mas não têm a vida de Deus nelas, de que adiantará isso? Elas podem mostrar-se simpáticas exteriormente, mas não são salvas. Portanto, a nossa meta não é fazer as pessoas se arrependerem por si mesmas nem influenciá-las em sua mente, mas dispensar a vida de Deus a elas para que tenham vida e sejam salvas. Até mesmo ao pregar as verdades mais profundas ou tentar ajudar outros a compreender a verdade sobre a co-crucificação, o mesmo princípio permanece verdadeiro. É fácil fazer com que as pessoas saibam e entendam o que pregamos. Também não é difícil fazer com que outros aceitem nossos ensinamentos em sua mente. Qualquer cristão com um pouco de conhecimento pode entender se você lhe explicar os assuntos de modo suficientemente claro. Entretanto, se desejar que ele ganhe vida e poder e que experimente o que você prega, não existe outro caminho a não ser o de Deus dispensar a mais rica vida a ele, por seu intermédio. Deveríamos saber que nossa única obra é ser canais da vida de Deus, comunicando vida ao espírito dos outros. Portanto, mesmo que o assunto ou a mensagem que

pregamos sejam bons, ainda necessitamos descobrir se somos ou não canais adequados para Deus transmitir vida ao interior das pessoas.

O PRÓPRIO PAULO

A mensagem pregada por Paulo era a cruz do Senhor Jesus Cristo. A sua mensagem não era em vão, pois ele era um vivo canal de vida. Ele gerou muitos por meio do evangelho da cruz. O que ele pregava era a palavra da cruz. Sobre ele mesmo, disse que estava "em fraqueza, temor e grande tremor". Ele era um homem crucificado! Somente um homem crucificado pode pregar a palavra crucificada. Ele não tinha confiança em si próprio e não confiava em si mesmo. Fraqueza, temor, tremor, ser esvaziado da autoconfiança, considerar-se totalmente inútil: essas são as características de um homem crucificado. Ele disse: "Estou crucificado com Cristo" (Gl 2:19b) e "Dia após dia, morro!" (1 Co 15:31). Somente um Paulo morto poderia pregar uma palavra sobre crucificação. Se não houvesse morrido de modo real, a vida da morte do Senhor não poderia ter fluído dele. É fácil pregar a cruz, mas não é fácil pregá-la como um homem crucificado. A não ser que alguém seja uma pessoa crucificada, ele não pode pregar a palavra da cruz e não pode dar a outros a vida da cruz. Rigorosamente falando, a não ser que alguém conheça a cruz, na experiência, ele não é digno de pregar a cruz.

A MANEIRA COMO PAULO PREGOU SUA MENSAGEM

A mensagem de Paulo era a crucificação. Ele próprio era um homem crucificado e pregou a cruz à maneira da cruz. Era um homem da cruz, pregando a mensagem da cruz com o espírito da cruz. Muitas vezes o que pregamos é a cruz, mas a nossa atitude, as nossas palavras e nosso sentimento não dão a impressão de que pregamos a cruz! Muitas pregações sobre a cruz não são feitas no espírito da cruz! Paulo disse: "Eu (...) fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho (mistério)[1] de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria". Aqui o mistério de Deus refere-se à palavra da cruz. Paulo não pregou a cruz com excelência no falar ou sabedoria. "A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder". Esse é o Espírito da cruz. A cruz é sabedoria para Deus, mas loucura para o homem. Ao pregar a palavra dessa loucura, deveríamos ter a aparência de "loucura", a atitude de "loucura" e o falar de "loucura". Paulo obteve a vitória porque era de fato um homem crucificado. Ele pregava a cruz com o espírito da cruz e a atitude da cruz. Os que não têm experimentado a crucificação não serão preenchidos com o espírito de crucificação, e não são dignos de pregar a palavra da cruz.

Após ver a experiência de Paulo, não nos diz ela a razão de nossas falhas? A mensagem que pregamos pode ser boa, mas deveríamos examinar-nos à luz do Senhor: somos realmente homens crucificados? Com que tipo de espírito, palavra e atitude pregamos a cruz? Possamos humilhar-nos diante dessas questões para que Deus tenha misericórdia de nós.

Não nos referimos aos que pregam um "evangelho diferente". Falamos apenas acerca dos que pregam "o evangelho da graça de Deus". A palavra não é incorreta, nossa mensagem não é má; todavia, por que os outros não ganham vida? Isso deve ser por causa da falha do pregador! É a pessoa que está errada, e não a palavra que perdeu o poder.

É o homem que tem obstruído o fluir da vida de Deus, e não a Palavra de Deus que tem perdido a eficácia. Quando o homem que prega a cruz não possui, ele mesmo, a experiência da cruz nem o espírito da cruz, não pode dispensar aos outros a vida da cruz. Não podemos dar a outros o que não temos. Se a cruz não se torna a nossa vida, não podemos dar a vida da cruz a outros. A deficiência do nosso serviço advém de gostar de dar a cruz a outros sem perceber que não a temos em nós. Os que são bons em pregar a outros, devem ser bons em pregar

[1] Alguns manuscritos antigos trazem *mistério* como variante de *testemunho* (IBB-Rev.) (N.T.)

primeiro a si mesmos. Caso contrário, o Espírito não cooperará com eles.

Embora a mensagem que pregamos seja importante, não devemos enfatizar demais a mensagem e esquecer de nós mesmos. Podemos obter algum conhecimento dos livros sobre a palavra da cruz que pregamos. Podemos utilizar a mente buscando os seus muitos significados na Bíblia. Entretanto, todos eles serão emprestados; eles não nos pertencem. Os que têm mente esperta são mais perigosos que os demais. Um pregador pode colocar-se em maior perigo que outros, pois todo o estudo, leitura, pesquisa e ouvir pode ter sido feito para os outros e não para si mesmo. Ele pode laborar para os outros simplesmente para encontrar-se espiritualmente faminto! Podemos ouvir palavras profundas sobre os vários aspectos da cruz ou ler livros sobre os significados da substituição e co-crucificação. Se tivermos mente esclarecida, podemos mesmo ordenar adequadamente esses ensinamentos, de modo que, ao falar, desenvolvamos as coisas que ouvimos e pensamos de maneira muito clara e sincera, tendo tudo bem organizado e todos os pontos apresentados com clareza e os argumentos divididos nitidamente. Podemos levar os ouvintes a pensar que entenderam tudo. Contudo, a despeito do fato de que tenham entendido tudo, não há um poder motivador que faça com que busquem ganhar o que compreenderam. Eles parecem pensar que entender as doutrinas da cruz seja suficiente. Eles param nas coisas que entenderam e não buscam obter o que a cruz lhes promete dar. Mesmo que o orador entenda o pensamento dos ouvintes, tenha voz audível e sincera, e insista que não tomem somente a doutrina, mas busquem ter a experiência, seus ouvintes podem ser incitados apenas naquele momento. Eles ainda não receberam vida; ainda têm somente a teoria, e não a experiência. Nunca devemos estar satisfeitos com nós mesmos e achar que a nossa língua "de prata" pode manobrar os ouvintes. Eles podem ficar emocionados no momento, contudo serão apenas considerações ou doutrinas que temos de dar-lhes? Ou precisamos dar-lhes vida? Sem dar vida ao homem, em nada contribuímos para sua espiritualidade. Qual é o proveito de dar ao homem somente considerações ou doutrinas? Que esse conceito seja profundamente incutido em nosso ser para que nos arrependamos da inutilidade da nossa obra passada!

A razão por que ninguém ganha vida pela nossa pregação da cruz é que: 1) nós mesmos não temos a experiência da cruz, e 2) não fazemos uso do espírito da cruz para pregar a palavra da cruz.

O MOTIVO DO INSUCESSO DOS QUE PREGAM A CRUZ

Os que não estão crucificados não podem ser e não são dignos de pregar a mensagem da cruz. A cruz que pregamos deveria crucificar-nos primeiro. A mensagem que pregamos deveria queimar em nossa vida primeiro para que a nossa vida e a nossa mensagem possam estar mescladas. Desse modo a nossa vida tornar-se-á nossa mensagem viva. A cruz que pregamos não deve ser mera mensagem. Deveríamos diariamente experimentar de fato a cruz em nossa vida. O que pregamos não deveria ser somente uma mensagem, e, sim, a vida que temos diariamente. Ao pregar, dispensamos essa vida a outros. O Senhor Jesus disse que a Sua carne é comida e Seu sangue é bebida. Partilhar da cruz do Senhor Jesus pela fé é como comer a Sua carne e beber o Seu sangue. Entretanto, comer e beber não são apenas palavras vazias. Após comer e beber, digerimos o que comemos e bebemos a fim de tornar-se parte de nós: tornar-se nossa vida. Nossa falta reside no fato de que muitas vezes estudamos a Palavra de Deus fiados em nossa sabedoria e preparamos nossos apontamentos com as considerações próprias. Freqüentemente tomamos o conhecimento ganho de livros e doutrinas que ouvimos dos mestres e amigos e fazemos deles nossos sermões. Embora tenhamos tantos bons pensamentos e idéias, e embora os ouvintes nos ouçam com muita atenção e interesse, todo a obra termina ali mesmo. Não podemos dispensar a vida de Deus a outros. Apesar de pregar a palavra da cruz, não podemos dispensar a vida da cruz a outrem. Podemos apenas dar pensamentos e idéias às pessoas. Entretanto, o que falta a elas não são bons pensamentos,

mas vida!

VIDA

Não podemos dar aos outros o que não temos. Se temos vida, podemos dar vida a outrem. Se o que temos são somente pensamentos, podemos somente dar pensamentos às pessoas. Se não tivermos a experiência da crucificação em nossa vida, se não tivermos a experiência de morrer juntamente com o Senhor vencendo o pecado e o ego, se não tivermos a experiência de tomar a cruz e seguir ao

Senhor para sofrer por Ele, e se apenas conhecermos a palavra da cruz a partir dos escritos e da boca de outros e, no entanto, não tivermos nós mesmos a experiência, certamente não poderemos dar vida às pessoas, mas somente teorias da vida da cruz. Somente quando somos transformados pela cruz e quando recebemos a vida e o espírito da cruz, podemos dispensar a cruz a outros. A cruz deveria, diariamente, efetuar uma obra mais profunda em nossa vida para podermos ter experiências sólidas do sofrimento e da vitória da cruz. Ao pregar, nossa vida fluirá espontaneamente por intermédio das palavras e o Espírito derramará Sua vida por meio da nossa vida para saciar os sedentos, os ouvintes. As idéias podem alcançar somente o cérebro do homem; elas resultam apenas em mais pensamentos para seu cérebro. Somente a vida pode alcançar o espírito do homem e o resultado é que o seu espírito recebe tanto uma vida regenerada como uma vida mais abundante.

O pensamento, palavras, eloqüência e teorias do homem podem somente incitar e alcançar a alma humana, pois podem somente estimular a motivação, a emoção, a mente e a vontade do homem. Somente a vida pode alcançar o espírito do homem. Toda a obra do Espírito Santo é em nosso espírito (Rm 8:16; Ef 3:16). Somente quando estamos na experiência do espírito, fluindo a vida de nosso espírito, o Espírito Santo pode derramar Sua vida no espírito de outros por nosso intermédio. Assim sendo, é a coisa mais inútil salvar os pecadores e edificar os santos pela própria mente, eloqüência e teoria do homem. Embora o que alguém fale seja muito persuasivo exteriormente, devemos saber que o Espírito Santo não coopera com ele. O Espírito Santo não está por detrás de suas palavras e não trabalha com ele por intermédio da Sua autoridade e poder. Os ouvintes apenas ouvem as palavras; não há mudança alguma na vida. Apesar de algumas vezes fazerem votos e resoluções, estes são apenas estímulos na alma. Não há vida atrás das palavras. Como resultado, não existe o poder para que ganhem o que ainda não obtiveram. Onde há vida, há poder. Nas questões espirituais, não haverá poder se não houver vida. Portanto, se você não permite que o Espírito Santo derrame Sua vida por intermédio da sua vida no espírito de outros, estes não terão a vida do Espírito Santo e não terão o poder para praticar o que você prega. O que buscamos não é eloqüência, mas o poder do Espírito Santo. Que o Espírito de Deus nos faça compreender que pensamentos podem somente alcançar a alma do homem, e apenas a vida pode fluir para o espírito humano.

A vida a que nos referimos aqui é a experiência da palavra de Deus em nossa vida e a experiência da mensagem que pregamos. A vida da cruz é a vida do Senhor Jesus. Deveríamos primeiro testar nossa mensagem por meio da experiência. A doutrina que entendemos é somente doutrina. Deveríamos deixar primeiro a doutrina trabalhar em nós para que a doutrina que entendemos se torne parte da nossa vida e parte dos elementos vitais de nosso viver diário, e não mais se torne somente doutrina, mas a vida de nossa vida. É como o alimento que comemos tornando-se a carne da nossa carne e osso dos nossos ossos. Assim, tornamo-nos uma doutrina viva. Dessa maneira, a palavra que pregamos já não é apenas uma teoria que conhecemos, mas nossa vida real. Isso é o que a Bíblia quer dizer com "praticantes da palavra" (Tg 1:22). Freqüentemente entendemos mal o termo "praticantes". Achamos que "praticantes" são os que dão o melhor de si para seguir a palavra que ouvem e entendem. Entretanto, isso não é o "praticar" na Bíblia.

É verdade que devemos tomar a decisão de praticar o que ouvimos, mas o "praticar" na Bíblia não é o "praticar" com a própria força da pessoa. Antes, é permitir que o Espírito Santo, a partir da vida da pessoa, viva a palavra que ela conhece. Isso é um tipo de viver, e não um tipo de obra. Se existir o viver, espontaneamente haverá a obra. Fazer algumas obras esporádicas não é o "praticar" descrito na Bíblia. Deveríamos cooperar com o Espírito Santo em nossa vida por meio da vontade a fim de, na experiência, viver o que conhecemos. Dessa maneira estaremos aptos a dispensar vida a outros.

Saberemos que exemplo seguir se olharmos para o Senhor Jesus Cristo. Ele disse: "Assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que Nele crê tenha a vida eterna" (Jo 3:14-15) e "E Eu, se for levantado da terra, atrairei todos a Mim mesmo. Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer" (Jo 12:32-33). O Senhor Jesus teve de ser crucificado antes de atrair todos a Si mesmo e dispensar a vida espiritual a outros. Ele mesmo teve de morrer primeiro, experimentar a cruz primeiro e ter o operar da cruz interior e exteriormente, fazendo Dele um homem crucificado em realidade primeiro, antes de ter o poder de atrair todos para Si. O discípulo não está acima do Seu mestre. Se o nosso Senhor teve de ser levantado antes de poder atrair todos a Si mesmo, não deveríamos nós, que levantamos o Senhor Jesus crucificado, ser levantados e crucificados antes de poder atrair as pessoas para o Senhor? A fim de que o Senhor Jesus dispensasse vida espiritual a outros, Ele teve de ser levantado na cruz. Da mesma maneira, se desejamos dispensar a vida espiritual a outros, também precisamos ser levantados na cruz. Somente então o Espírito Santo derramará Sua vida por meio de nós. A fonte da vida provém do dispensar da vida a outros por intermédio da cruz. Não deveria também o canal da vida provir do dispensar da vida a outros por meio da cruz?

O CANAL DA VIDA

Temos dito que a nossa obra é dispensar vida a outros. Entretanto, nós mesmos não possuímos a vida para dar a outros, para avivar a outros e para suprir a outros. Nós não somos a fonte, mas o canal. A vida de Deus flui por meio de nós e flui do nosso interior. Somos os canais. Os canais não devem ser obstruídos senão a água não pode fluir por eles. A palavra da cruz efetua a obra de desobstrução, removendo tudo o que pertence a Adão e ao homem natural, a fim de que possamos receber a vida do Espírito Santo e Dele ser saturados. Dessa maneira, o nosso espírito constantemente carregará a cruz do Senhor até o ponto de a nossa vida tornar-se a vida de cruz. Trataremos esse ponto de forma breve. Uma vez que estejamos saturados do Espírito Santo e tenhamos a vida de cruz, o Espírito Santo nos usará para fluir a vida de cruz do nosso interior para os que estão ao nosso redor. Se realmente permitirmos à cruz que faça profunda obra em nós, a ponto de ficarmos preenchidos pelo Espírito Santo, espontaneamente deixaremos fluir vida para suprir os que contatamos, seja ao falar ou pregar em público ou a indivíduos. Isso não é algo que exije esforço intencional ou planejamento, mas algo muito espontâneo. Daremos fruto espontaneamente. Isso é o que o Senhor Jesus quis dizer em João 7:38: "Quem crer em Mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva". Existem vários significados aqui. Seu ser mais interior primeiro deve ser esvaziado e receber o operar completo da cruz. Seu ser mais interior deve ser cheio da água viva do Espírito Santo. A vida nele não é suficiente apenas para sua própria necessidade, mas superabundante e suficiente a ponto de fluir dele rios de água viva para suprir a outros da mesma água viva. Devemos atentar à palavra "fluir" aqui. Não é por meio de manobras pela voz, pela psicologia, pela eloqüência, por doutrina ou por conhecimento. Embora tais métodos possam ajudar-nos algumas vezes, eles não são a água viva. Tampouco o emprego desses métodos é o fluir da água viva. Fluir é algo muito natural; não requer qualquer labor humano. Pelo contrário, tudo desliza normalmente. Não necessitamos de nenhuma eloqüência ou teoria. Precisamos somente pregar a palavra da cruz do Senhor fielmente e as pessoas

receberão a vida de que carecem. A vida e o poder do Espírito Santo de alguma forma fluirão espontaneamente através do nosso espírito. Caso contrário, mesmo que ensinemos diligentemente, os ouvintes ouvirão indiferentemente! Algumas vezes podem ouvir atentamente e entender e ser tocados pelo que ouviram. Contudo, somente reagirão com a palavra "maravilhoso". Eles ainda não têm o poder e a vida para levar a cabo o que ouviram. Oh! que possamos ser os canais da vida de Deus hoje!

Para ser os canais, precisamos ter a experiência. Tratamos dessa questão no tópico anterior. A não ser que a tenhamos, o Espírito Santo não trabalhará conosco. Após receber o poder do Espírito Santo, todas as nossas obras serão em natureza um testemunho (Lc 24:48-49). Na verdade, toda a nossa obra é um testemunho para o Senhor. Uma testemunha não pode testificar o que não viu. Ninguém pode testificar o que não experimentou. Falando seriamente, a pessoa dá falso testemunho se não tem experiência do que prega! Se fizermos isso, o Espírito Santo não cooperará conosco. Outra coisa que deveríamos saber é que, quer esteja o Espírito Santo ou o espírito maligno operando, deve haver homens como canais de poder. Se não temos experiência do que pregamos, o Espírito Santo definitivamente não poderá usar-nos como Seu canal por meio do qual Ele emana Sua vida para o coração das pessoas.

Portanto, que a cruz que pregamos possa crucificar-nos nela! Que possamos tomar a cruz que pregamos! Que primeiro ganhemos a vida que desejamos dispensar a outros! Que a cruz que pregamos seja a cruz que diariamente experimentamos em nossa vida! Se a mensagem que pregamos deve ter efeito permanente, precisa primeiro tornar-se o alimento do nosso espírito. Ela precisa estar profundamente gravada em nosso coração e ser queimada e marcada em nossa vida pelos sofrimentos do viver diário. Por meio disso, cada ação nossa levará a marca da cruz. Somente os que trazem no corpo as marcas do Senhor Jesus (Gl 6:17) podem pregá-Lo. Irmãos, deixem-me dizer-lhes: embora os pensamentos que repentinamente cruzam sua mente ou o conhecimento que você adquire dos livros concedam-lhe o sorriso dos ouvintes, eles não terão efeito duradouro. Se a sua obra é apenas fazer as pessoas sorrirem, podemos achar que estamos fazendo grande obra com nossos sermões, meramente coletando algum material da mente e emoção. Esse, entretanto, não é o alvo da nossa obra!

O SUCESSO DO APÓSTOLO

A mensagem da cruz tocou profundamente a Paulo. Sua vida foi uma manifestação da vida da cruz. Ele não somente pregava a cruz, mas vivia a cruz. A cruz que pregava era a cruz que vivia. Portanto, quando falava da cruz, podia acrescentar a ela a própria experiência e testemunho. Ele não apenas conhecia a morte substitutiva do Senhor Jesus, mas tomou a cruz do Senhor como sua cruz na experiência. Ele era capaz de dizer: "Estou crucificado com Cristo" (Gl 2:19) e "estou crucificado" (6:14). Sua humildade, paciência, enfermidades, prantos, sofrimentos e cadeias foram todos a manifestação da vida da cruz. Por ser alguém que vivia a cruz, ele podia pregar a cruz. As pessoas por vezes criticam os outros como os que não praticam o que pregam. Contudo, na verdade, ninguém pode sequer pregar o que não pratica! Porque Paulo era capaz de viver o seu evangelho, ele era apto a gerar muitos filhos espirituais por meio do evangelho. Ele mesmo possuía a vida de cruz. Como resultado, ele era capaz de "reproduzir" essa cruz no coração dos outros.

A CRUZ E SEU MENSAGEIRO

A. Experiência Pessoal

Após ler 2 Coríntios 4 (por favor, leia), iremos perceber a experiência íntima desse servo do Senhor. O segredo de toda a sua obra era: "Em nós opera a morte; mas em vós, a

vida" (v. 12). Paulo passava pela morte diariamente. A cada dia ele permitia que a cruz fizesse uma profunda obra em seu coração para que outros ganhassem vida. Se alguém não tem a morte da cruz em si mesmo, os outros não podem ganhar a vida de cruz. Paulo estava disposto a sofrer morte para que outros ganhassem vida. Somente os que morreram podem dar vida a outros. Todavia, como isso é difícil!

Qual o significado de morte aqui? Não é somente a morte para o pecado, o ego e o mundo. Aqui, ela tem significado mais profundo que isso. Essa morte é o espírito que é manifestado pela crucificação do Senhor Jesus. Ele não morreu pelo próprio pecado. Sua cruz foi uma manifestação da Sua santidade. A Sua crucificação foi totalmente em benefício de outros. Ele morreu em obediência à vontade de Deus. Esse é o significado dessa morte aqui. Não é somente em benefício próprio que somos crucificados para o pecado e o mundo, mas é por causa da nossa obediência ao Senhor Jesus que diariamente sofremos oposição dos pecadores e somos levados à morte. Devemos permitir que a morte do Senhor Jesus trabalhe em nós a ponto de verdadeiramente termos a experiência da morte do nosso ego e de sermos santificados. Além disso, devemos permitir ao Espírito Santo, por meio da cruz, realizar uma obra mais profunda em nós para que vivamos a cruz em realidade. Devemos não apenas ter a morte da cruz, mas além disso ter a vida de cruz. Quando temos a morte da cruz, estamos mortos para o pecado e para a vida adâmica. Quando temos a vida de cruz, damos um passo a mais e tomamos o espírito da cruz como a própria vida no viver diário. Isso significa que manifestamos no viver diário o espírito do Senhor Jesus como o Cordeiro que sofreu em silêncio e, "quando ultrajado, não revidava com ultraje, quando maltratado não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente" (1 Pe 2:23). Esse é um passo mais profundo do que ser crucificado para o pecado, o ego e o mundo. Possa a cruz tornar-se nossa vida a fim de que sejamos uma cruz viva e manifestemos a cruz em tudo.

Paulo era capaz de dar vida a outros porque para ele o viver era a cruz. Ele não apenas aplicou passivamente a morte da cruz para terminar com tudo o que provinha do velho Adão, mas ativamente tomou a cruz como sua vida e dia a dia viveu a cruz em realidade. Dia após dia, ele apreendeu o significado da cruz do Senhor. Ao mesmo tempo, dia após dia, expressou a vida do Senhor como o Cordeiro (a cruz). Ele estava "levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo" (2 Co 4:10). Ele estava disposto a ser sempre entregue "à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus [a cruz] se manifeste em nossa carne mortal" (v. 11). Portanto, ele pôde ser atribulado, porém não angustiado; perplexo, porém não desanimado; perseguido, porém não desamparado; abatido, porém não destruído (vs. 8-9). Ele permitiu que a morte do Senhor Jesus "operasse" nele (v. 12). Uma morte capaz de operar é uma "morte viva". É a vida da morte, a vida da cruz. Ele estava sempre disposto a suportar insultos, arbitrariedades, perseguições cruéis e equívocos irracionais por causa do Senhor. Ele estava disposto a ser entregue à morte sem dizer uma palavra. Sob tais circunstâncias, ele era como seu Senhor que, apesar de ter poder para pedir ao Pai que enviasse doze legiões de anjos para resgatá-Lo e escapar das circunstâncias pelo método humano, preferiu não fazê-lo. Ele preferiu deixar a "morte viva" de Jesus, isto é, a vida e o espírito da cruz, operar nele até o ponto em que ele agisse e se conduzisse no espírito da cruz. Ele percebeu que com a cruz havia o poder, um poder que o capacitava a entregar-se à morte por causa de Jesus e a sofrer perseguição e tribulações sob a mão humana. Quão profundamente havia a cruz operado em Paulo! Que bom seria se também pudéssemos levar "no corpo o morrer de Jesus!" Quem pode dizer ao Senhor que está disposto a morrer e a não resistir em meio a todas as circunstâncias de oposição e sofrimento! Mas se queremos que outros ganhem a cruz, ela deve primeiro controlar nossa vida. É somente após a cruz ter sido trabalhada em nossa vida por meio de ardentes sofrimentos e oposições que podemos reproduzir essa cruz na vida de outros. Em outras palavras, a vida da cruz é a vida que põe em prática o sermão do Senhor na montanha (Mt 5-7, ver 5:38, 44).

A passagem aqui em 2 Coríntios diz-nos claramente que não devemos apenas pregar,

mas manifestar a vida do Senhor Jesus (4:10-1 l),e devemos deixar a vida do Senhor Jesus fluir a partir do nosso corpo. Podemos deixá-la fluir somente quando constantemente levamos no corpo o morrer do Senhor Jesus, quando somos entregues à morte por causa Ele, quando sofremos perda em nossa reputação, mente e corpo por Sua causa e quando expressamos o caminho do Cordeiro do Gólgota em meio a todos esses sofrimentos (vs. 10-11). Infelizmente, muitas vezes gostamos de tomar os atalhos! Pouco percebemos que não há atalho para manifestar a vida do Senhor Jesus!

"Em nós, opera a morte; mas, em vós, a vida" (v. 12). "Vós" refere-se aos coríntios e a todos os santos (1:2); eles são os ouvintes de Paulo. Porque a morte do Senhor Jesus pôde operar em Paulo, ele foi capacitado a ter a vida do Senhor Jesus trabalhada em seus ouvintes para que recebessem a vida espiritual. A palavra "vida" nesse versículo é *zoé,* que na língua original significa a vida espiritual, a vida mais elevada. O que Paulo foi capaz de exaltar e dar a outros não foi apenas o seu falar, pensamentos e uma cruz de madeira. Paulo desejou que eles ganhassem a vida espiritual do Senhor, Essa vida espiritual operou no coração deles e possibilitou-lhes atingir o alvo da mensagem de Paulo. Essa não foi uma pregação vã, mas uma pregação que entrou no coração árido de seus ouvintes com extraordinária vida e poder, para que realmente receberam a vida da cruz que Paulo pregou. O resultado da nossa pregação da cruz deveria produzir tal resultado. Não deveríamos estar satisfeitos se a nossa pregação não tem resultado como a de Paulo. Resumindo, alguém que não vive a cruz como Paulo o fez não pode esperar ter um resultado como o dele. Se não somos pessoas crucificadas, certamente nos será difícil pregar a cruz e conceder vida a outros.

B. O Método de Pregar

Sabemos que Paulo não somente pregou a cruz como uma pessoa crucificada, mas pregou-a no espírito da cruz. No viver diário ele foi uma pessoa crucificada; na sua pregação também foi uma pessoa crucificada. Ele anunciava a cruz vivendo a cruz. Era uma pessoa crucificada com Cristo. Essa era sua experiência em vida. Ao anunciar a cruz, ele não exercitou a "ostentação de linguagem ou sabedoria", ou "linguagem persuasiva de sabedoria" (1 Co 2:1,4), nas quais era capaz. Ele sabia que estas não serviriam como meios adequados para o canal de vida de Deus. Em vez disso, ele confiou na "demonstração do Espírito e de poder" (v. 4). Tal pregação é aquela em que a palavra da cruz é pregada com a atitude da cruz. Com sua habilidade e experiência, ele certamente poderia ter articulado a verdade da cruz em palavras persuasivas e teorias inteligentes, capturando a atenção dos ouvintes e fazendo-os compreender o que tinha a dizer. Ele poderia ter feito a cruz cruel parecer muito interessante. Poderia ter usado muitas ilustrações apropriadas e provérbios simples para expor o mistério da cruz. Poderia ter citado a Escritura e explanado a filosofia da cruz, esclarecendo aos outros a morte substitutiva e a co-crucificação da cruz. Paulo era capacitado para fazer essas coisas, mas não as faria. Seu coração não confiava nessas coisas, pois sabia que não poderiam dar vida a outros. Ele sabia que fazendo isso, estaria pregando a grande verdade da cruz com meios contrários à cruz. Para o mundo, a cruz é humilde, baixa, tola e feia. Isso é o que a cruz é de qualquer modo. Anunciá-la com ostentação de linguagem e sabedoria mundanas seria contrário ao espírito da cruz e não teria qualquer proveito. Paulo desejava abandonar seu intelecto natural e anunciar a cruz com a atitude e o espírito da cruz. Esse foi o motivo pelo qual Deus o usou grandemente.

Cada um de nós tem dons naturais. Alguns podem ter mais; outros, menos. Após ter passado pela experiência da cruz, temos a tendência de confiar na força natural ou valer-nos dela para anunciar a cruz que acabamos de experimentar. Como nosso coração deseja que os ouvintes vejam o que temos visto ou ganhem a mesma experiência que nós! Contudo, quão frios e indiferentes estão os ouvintes! Como eles nos desapontam! Pouco percebemos que nossa experiência da cruz ainda é imatura, nossos excelentes dons naturais precisam ser

crucificados com o Senhor e a cruz deve trabalhar em nós. Deveríamos manifestar a cruz não somente em nossa vida, mas também em nossa obra. Antes de alcançar a maturidade, tendemos a considerar que a força natural não é prejudicial, mas proveitosa. Desejamos saber por que não podemos valer-nos da força natural. Só quando vemos que a obra realizada valendo-nos da habilidade natural causa apenas aceitação temporária por parte dos outros, e não efetua uma sólida obra do Espírito Santo no espírito das pessoas, é que começamos a entender que o dom natural é insuficiente e devemos procurar um poder maior. Quão numerosos são os que pregam a cruz com a força da própria pessoa!

Não estou dizendo que eles não têm a experiência da cruz. É possível que realmente a tenham. Enquanto trabalham, não declaram que estão confiando nos próprios dons ou poder. Pelo contrário, oram diligentemente e procuram obter a bênção de Deus e a ajuda do Espírito Santo. Até certo ponto, sabem que não são dignos de confiança. Contudo, todas essas realizações não os ajudam, porque na parte mais profunda de seu coração eles ainda confiam em si mesmos, achando que sua eloqüência, lógica, pensamentos ou parábolas vão comover as pessoas! O significado da crucificação é estar desamparado, em fraqueza e em temor e tremor. Isso quer dizer morrer. Isso é o que ocorre quando uma pessoa é crucificada. Portanto, se manifestamos a vida da cruz na vida diária, deveríamos também manifestar o espírito da cruz na obra do Senhor. Devemos considerar-nos desamparados e sempre achar-nos indignos de confiança, estando em temor e tremendo por nós mesmos. Se fizermos isso, obteremos fruto por meio da confiança no Espírito Santo.

Somente os que estão crucificados estão dispostos e aptos a confiar no Espírito Santo e em Seu poder. Sempre que tivermos a mínima confiança em nós mesmos, não confiaremos no Espírito. Paulo mesmo era alguém que havia sido crucificado com o Senhor. Ao trabalhar, ele manifestava o espírito da cruz. Ele não era de forma alguma autoconfiante. Por ter pregado o Salvador da cruz à maneira da cruz, ele tinha a demonstração do Espírito e de poder (1 Co 2:4). Devemos ser capazes de dizer como Paulo que "o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção" (1 Ts 1:5). Se o Espírito e Seu poder não operaram por trás do nosso falar, nossas palavras serão inúteis mesmo que sejam atraentes. Oh! que possamos desprezar as habilidades naturais e estar dispostos a perder tudo a fim de ganhar o poder do Espírito Santo de Deus!

Nisso reside a chave para a diferença entre frutificação e esterilidade num evangelista. Algumas vezes, vemos dois evangelistas que têm a mesma eloqüência e expressões. Contudo, Deus é capaz de usar um deles para dar muito fruto. O outro pode ser espiritual e bíblico no falar, e o público pode também prestar muita atenção a ele; entretanto, nada resulta do seu falar; não há fruto. Não é difícil descobrir a razão por trás dessa diferença. Segundo minha observação, posso ver que um deles é uma pessoa realmente crucificada; ele tem a experiência. O outro somente permanece na imaginação. Os que não têm nada exceto "imaginações" certamente não podem pregar a cruz à maneira da cruz. Se os que têm a vida da cruz proclamam sua experiência a partir do seu espírito, o Espírito Santo certamente estará com eles. Mesmo que alguns sejam mais eloqüentes que outros e sejam capazes de analisar e ilustrar bem, o Espírito Santo não operará com eles a menos que a cruz já tenha feito uma obra sólida em seu coração. O que nos falta é a obra profunda da cruz em nós, que resulte no Espírito Santo trabalhando conosco em nossa pregação do evangelho e em Sua vida fluindo por nosso intermédio. Embora o Senhor possa por vezes utilizar nossos dons naturais, essa não é a fonte da frutificação. As obras feitas por meio da vida natural são essencialmente obras vãs. Somente as obras realizadas por meio da vida sobrenatural podem produzir muito fruto.

Aqui podemos considerar outra passagem da Bíblia. Isso nos explicará a diferença entre confiar na vida natural e confiar na vida sobrenatural. O Senhor Jesus disse: "Se o grão de trigo não cair na terra e morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida da alma, perde-a e quem odeia a sua vida da alma neste mundo, guardá-la-á para a

vida eterna" (Jo 12:24-25).

Aqui o Senhor explicou detalhadamente o princípio de produzir fruto. O grão de trigo deve primeiro morrer para então produzir muito fruto. A morte é a vereda necessária para a produção de fruto; é o único caminho para produzir fruto. Costumamos orar ao Senhor que nos conceda maior poder para produzir mais fruto. Entretanto, o Senhor disse-nos que primeiro devemos morrer e ter a experiência da cruz antes ter a autoridade do Espírito Santo. Freqüentemente tentamos saltar sobre o Gólgota para alcançar o Pentecoste. Pouco percebemos que sem a cruz a crucificar-nos e despojar-nos de tudo o que é natural, o Espírito Santo não pode trabalhar conosco para ganhar a outros. Somente por meio da morte pode haver a produção de fruto.

A natureza do fruto aqui também prova o que dissemos anteriormente, que o propósito de nossa obra é dar vida a outros. Quando o grão de trigo morre, produz muitos grãos. Ao morrer, dispensa vida a muitos outros grãos. Todos esses outros grãos contêm vida em si mesmos. A vida que possuem origina-se de um grão morto. Se de fato morrermos, poderemos tornar-nos canais de vida de Deus e dispensar vida a outros. Essa vida não é um termo vazio; com ela existe o real poder de Deus. Quando esse poder é liberado de nós, ele dá vida às pessoas.

Aqui, o fruto resultante do grão de trigo é múltiplo; é "muito fruto". Quando estamos restringidos em nossa vida, o máximo que conseguimos obter pelo labor é uma ou duas pessoas. Isso não quer dizer que não salvaremos ninguém. Entretanto, quando morrermos como o grão de trigo, daremos "muito fruto". O que quer que façamos, mesmo se formos negligentes em umas poucas palavras, ainda assim levaremos outros a ser salvos ou edificados. Que possamos produzir muito fruto!

Mas, exatamente, que significa cair na terra e morrer? Compreenderemos isso ao ler a seguinte palavra do Senhor: "Quem ama a sua vida da alma, perde-a; e quem odeia a sua vida da alma neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna". Vida aqui é mencionada algumas vezes. No texto original, diferentes palavras são utilizadas para "vida". Uma denota a vida da alma e a vida natural. Outra denota a vida espiritual e a vida extraordinária. Portanto, o que o Senhor Jesus diz aqui é: "Quem ama a vida da alma perderá a vida espiritual; e quem odeia a vida da alma neste mundo, guardará a vida espiritual para a eternidade". Posto de maneira simples, esse versículo diz-nos que deveríamos colocar a vida da alma na morte da mesma maneira que um grão de trigo é plantado na terra. Posteriormente, daremos muito fruto na vida espiritual, que permanecerão eternamente. Queremos ter muito fruto. Entretanto, não sabemos como levar à morte a vida da alma e como fazer viva a vida espiritual. A vida da alma é simplesmente a vida natural. A carne é capaz de viver por causa da vida da alma. A vida da alma é o órgão pelo qual vivemos. Tudo o que uma pessoa possui por natureza, como vontade, poder, emoção e pensamento, são todos partes da alma. Tudo o que a vida natural possui é o subproduto da vida da alma. O intelecto, pensamento, eloqüência, emoção e habilidades pertencem à vida da alma. A vida espiritual é a vida de Deus. Essa vida não se desenvolve de nenhuma parte da vida da alma, mas é especificamente dada a nós por Deus quando cremos na cruz do Senhor e somos regenerados. O que Deus efetua em nós agora é desenvolver essa vida espiritual e fazê-la crescer. Todas as nossas boas obras e o poder para trabalhar resultam da vida espiritual. Sua intenção é conduzir nossa vida da alma à morte. (A morte referida aqui é diferente daquela em 2 Coríntios 4, que é de outro aspecto).

Muitas vezes o poder da nossa obra vem da habilidade natural ou da vida da alma. Descobrimos que sempre precisamos usar nossa eloqüência, sabedoria, conhecimento e habilidades. Uma das coisas mais terríveis é o poder que empregamos na pregação; ele provém da vida da alma. Exercitamos o poder natural. Isso reduz drasticamente o fruto. Em nossa obra, não sabemos como aplicar o poder da vida espiritual. Muitas vezes, tomamos a vida da alma como se fosse a vida espiritual. Como resultado, acabamos por fazer uso do poder natural. Freqüentemente, temos de aguardar até que todo o poder natural de nosso

corpo se esgote antes de começar a confiar no poder da vida espiritual. Muitos nem mesmo chegam a esse padrão. Sempre que se sentem fracos no vigor físico, reconhecem que não podem mais trabalhar. Outros que estão mais adiantados continuariam na fraqueza e prosseguiriam a trabalhar tentando confiar na força do Senhor. Entretanto, se verdadeiramente compreendermos a maneira de morrer para nossa força natural (anímica), e se crermos no poder da vida espiritual que Deus pôs em nós, não dependeremos da força natural para o nosso trabalho, seja nos momentos em que estivermos sem essa força, seja quando estivermos cheios dela. Fico triste que muitas obras cristãs permaneçam na alma, não obstante o fato de esses cristãos serem muito zelosos e sinceros. Tal obra jamais toca a esfera espiritual. A diferença entre usar o poder espiritual e o poder anímico é algo que palavras não conseguem explicar. Somente podemos compreendê-la no espírito e no coração. Contudo, quando o Espírito Santo nos iluminar, chegaremos à percepção plena dela na experiência.

Porque é preciso cuidar da fraqueza que há entre os muitos filhos de Deus, trataremos essa questão em detalhes. Contudo, podemos somente aguardar que o Espírito Santo de Deus nos mostre pessoalmente o significado real dessa verdade e a maneira de praticá-la na experiência. Existem principalmente três aspectos para as características da obra da alma. Primeiro é a habilidade natural, segundo é a emoção, e terceiro é a mente.

A HABILIDADE NATURAL

Já mencionamos anteriormente a questão das habilidades naturais. Algumas pessoas são mais inteligentes; são naturalmente mais espertas que outras. Algumas são muito eloqüentes; ao falar, seus argumentos são sempre muito razoáveis. Algumas são muito analíticas; podem analisar um problema de maneira lógica. Algumas são muito fortes fisicamente; podem laborar dia e noite sem nenhum descanso. Algumas são muito capazes; são muito boas em administrar negócios. Sabemos que Deus de fato utiliza as habilidades naturais do homem, mas o homem sempre toma ocasião do uso de suas habilidades por Deus para confiar em todas as habilidades naturais. Por exemplo, podemos ter aqui uma pessoa que é lenta na comunicação, mas hábil em administrar negócios, e outra que pode ser muito eloqüente, mas incapaz de administrar negócios. Se o Senhor pedir que ambos dêem uma •mensagem, a primeira certamente sentirá que é lenta em se expressar e que deve, portanto, confiar totalmente no Senhor. A segunda considerar-se-á muito eloqüente. Embora também ore, ela não estará tão desesperada como a primeira. Por outro lado, se o Senhor pedir que ambas cuidem de um negócio, a primeira não confiará no Senhor tão desesperadamente quanto a segunda! A habilidade natural é o poder da vida da alma. Não nos damos conta de quanto confiamos em nós mesmos e de quanto dependemos do poder da alma quando trabalhamos! A vista de Deus, muitas e muitas das nossas obras são feitas pelo poder da alma.

A EMOÇÃO

Algumas emoções originam-se de nós mesmos. Outras originam-se de outras pessoas. Algumas vezes aqueles a quem amamos não são salvos ou não correspondem às nossas expectativas. Como resultado, ficamos inquietos. Damos o máximo para salvá-los ou edificá-los. Esse tipo de trabalho é quase sempre ineficaz, pois a sua motivação origina-se da emoção. Certas vezes recebemos uma graça especial de Deus; nosso coração enche-se de luz e regozijo. Parece que um fogo queima em nós, dando-nos alegria inefável. Nesses momentos, a presença de Deus torna-se muito real. Quando a alma é incitada dessa forma, as emoções tornam-se muito fortes. Em tais circunstâncias é fácil trabalhar pelo Senhor. Nosso coração sente como se estivesse a ponto de transbordar. Dificilmente podemos conter-nos de falar do Senhor aos outros. Geralmente, podemos estar cônscios que devemos ser cuidadosos com as palavras. Entretanto, nesses momentos quando o coração enche-se de especial luz, balbuciamos sem

cessar sobre as coisas de Deus. Tais obras são totalmente da emoção. Alguns acham que só podem trabalhar quando sentem esse tipo de fogo no coração e quando eles mesmos são arrebatados como que ao terceiro céu. Quando o Senhor leva embora essa alegria "perceptível", eles sentirão que toneladas de peso estão em seus ombros e não podem dar um passo mais. Algumas vezes o seu coração está frio como gelo; não há sequer uma emoção. Em tais momentos, sentem que não podem mais pregar. Sentem-se secos e frios no interior. Como resultado, são incapazes de trabalhar. Mesmo ao obrigar-se a trabalhar, não têm o menor gosto pelo que fazem. Seu labor é totalmente controlado pelos sentimentos interiores. Quando os sentimentos corretos estão presentes, eles levantam vôo como águias. Quando esses sentimentos se vão, eles vacilam e recusam-se a prosseguir. Sentimentos, estímulos e emoções são parte da vida da alma. Portanto, os santos que são dominados por sentimentos, estímulos e emoções trabalham pelo poder da vida da alma; ainda não estão capacitados a levar essas coisas à morte nem são capazes de trabalhar no espírito.

A MENTE

Nosso trabalho é sempre influenciado ou controlado pela mente. Por não saber como buscar a vontade de Deus, muitas vezes tomamos os pensamentos da mente como se fosse a vontade de Deus e nos desviamos. Acompanhar a mente e estabelecer a conduta de alguém na mente é algo muito perigoso. Algumas vezes, quando preparamos uma mensagem, esforçamo-nos para exercitar a mente e preparar resumos, seções, exposições, significados e exemplos. Esses sermões são muito mortos; podem prender a atenção das pessoas e causar certo interesse, mas não podem dispensar vida aos outros.

Existe outro trabalho da mente. Creio que muitos obreiros de Deus freqüentemente encontram-se envolvidos nesse indesejável trabalho. É a memória. Nós, por vezes, pregamos aos outros a partir da memória! Memorizamos as mensagens que ouvimos e falamos aos outros a partir do que lembramos. Às vezes falamos às pessoas partindo das passagens da Bíblia que memorizamos ou de velhos sermões, velhos comentários. Tudo isso são obras da mente. Não quer dizer que nunca tenhamos experimentado o que pregamos. Talvez o que saibamos e lembremos sejam coisas ensinadas por Deus. Talvez realmente tenhamos experimentado as coisas que sabemos e lembramos. Entretanto, isso não descarta o fato de que ainda são obras da mente. Podemos ter experimentado uma verdade, que ao tempo da nossa experiência pode ter sido vida para nós. Contudo, após um tempo o conhecimento da verdade permanece somente na nossa cabeça. Começamos a pregar de memória a verdade que experimentamos anteriormente, mas isso se tornou mero trabalho da mente. Nossa mente e memória são órgãos da alma. Confiar nelas significa confiar no poder da vida da alma. Ainda estamos sob o controle da vida natural.

Essas três coisas são os itens principais da obra da alma. Tal obra anímica não é pecado; não significa que seja absolutamente incapaz de salvar pessoas. Entretanto, os frutos serão escassos. Deveríamos vencer essa obra da alma confiando na cruz. O Senhor Jesus disse-nos que a vida da alma deveria cair na terra e morrer como um grão de trigo. Segundo a experiência, amamos muito as habilidades naturais. Amamos os sentimentos e confiamos na mente. Porém, o Senhor disse-nos que deveríamos odiar a vida da alma. Se não a odiarmos, pelo contrário, a amarmos, perderemos o poder da vida espiritual sobrenatural. Nessa questão, a morte da cruz deve realizar uma profunda obra. Devemos entregar à cruz a vida da alma que apreciamos. Devemos estar dispostos a morrer com o Senhor aqui e a remover a dependência das habilidades naturais, dos sentimentos e da mente. Não removemos essas obras com relutância. Pelo contrário, odiámos de âmago delas. Em nossa obra, devemos não somente estar despreocupados sobre ter ou não habilidades naturais, sobre ter ou não emoções e pensamentos, mas devemos ir além e nutrir uma aversão por tal vida natural e estar dispostos a entregá-la à crucificação.

Se tivermos a atitude constante de odiar a vida da alma do lado negativo, e se não formos em nada transigentes, aprenderemos na experiência a confiar no poder da vida espiritual e produzir fruto para Deus.

A MANEIRA DE UMA PESSOA CRUCIFICADA PREGAR A CRUZ

Na prática, em toda ocasião e lugar que o Senhor incumbir-nos de testificar por Ele, devemos afugentar novamente todo e qualquer desejo em nós de confiar nas habilidades naturais. Devemos deixar de lado a emoção e não dar atenção aos sentimentos. Mesmo nos momentos em que não temos sentimentos ou quando a emoção está fria como gelo, precisamos ajoelhar-nos diante do Senhor e pedir-Lhe que realize uma obra da cruz mais profunda em nós para que sejamos capazes de conduzir as emoções e agir segundo a ordem do Senhor, a despeito de a emoção estar fria ou quente. Podemos pedir ao Senhor que nos fortaleça o espírito e aplique um golpe fatal em nossa alma, na cruz. Se fizermos isso, o Senhor nos concederá graça e derrotará nossas frias emoções. Mesmo se já sabemos o que estamos para pregar, não tentamos cavar esses ensinamentos da cabeça ou mente. Pelo contrário, humilhamo-nos diante de Deus e pedimos a Ele que de maneira fresca nos ilumine com os ensinamentos que conhecemos antes e novamente os imprima em nosso espírito de modo que o que pregamos não se torne mero rearranjo da nossa velha experiência, mas um fresco encontro em nossa vida. Desse modo, o Espírito Santo confirmará com poder o que pregamos. É melhor que gastemos longo tempo diante do Senhor antes da pregação a fim de permitir que Sua palavra (com algumas das quais já estamos familiarizados por um longo tempo) seja impressa em nosso espírito de novo. Algumas vezes, isso não toma muito tempo. O Senhor pode imprimir Sua mensagem em nosso espírito em poucos minutos. Para que isso ocorra, nosso espírito deve estar muito aberto ao Senhor e intimamente ligado a Ele nas horas normais.

Devemos prestar atenção a esse ponto. Isso tem muito a ver com o sucesso ou fracasso. Alguém pode pedir a um cristão apóstata que libere uma mensagem. Ele pode falar da experiência passada exercitando a memória. Pode até falar persuasivamente. Entretanto, sabemos que o Espírito Santo possivelmente não poderá operar com ele. Todas as obras feitas por nós pelo exercício da memória são mais ou menos equivalentes à pregação de crentes apóstatas. Temos de perceber que muitas vezes o trabalho que realizamos pela mente é desperdício de energia. A mente só pode alcançar a mente das pessoas; jamais pode mover o espírito delas ou dar-lhes vida. Velhas experiências nunca podem equipar-nos para novas obras. Precisamos deixar Deus renovar em nosso espírito as velhas experiências.

A mesma coisa é mais verdadeira ainda no que diz respeito a pregar a salvação da cruz aos pecadores. Podemos ter sido salvos há muitas décadas. Se trabalharmos a partir da memória, não será a nossa mensagem velha demais e sem sabor? Somente quando percebemos de novo em nosso espírito a desgraça do pecado, experimentamos de novo o amor da cruz e compartilhamos com Cristo de Seu desejo intenso de que os pecadores se acheguem a Ele, é que seremos capazes de retratar a cruz de forma viva diante dos homens (Gl 3:1) e levá-los a crer. Caso contrário, se tentarmos persuadir outros pelo nosso amor e zelo, poderemos terminar ficando endurecidos e frios! É possível que enquanto pregamos o sofrimento da cruz, nosso coração não tenha sido sequer tocado pelos sofrimentos e não tenha sido derretido por eles!

Devemos abrir o espírito ao Senhor e permitir ao Espírito Santo derramar Suas palavras e Sua mensagem por meio do nosso espírito, de modo que primeiramente nosso espírito seja infundido com a palavra do Senhor e a mensagem que pregamos. Não devemos depender de sentimentos, habilidades naturais e pensamentos, mas confiar unicamente no poder do Espírito Santo e devemos permitir que Sua mensagem seja impressa em nosso espírito bem como no espírito dos ouvintes. Toda vez que pregamos, devemos ser como Isaías,

que primeiro recebeu um encargo para a profecia e, então, proferiu-a. Em Isaías 13-23, a frase "sentença tal em tal lugar" é muito significativa. Toda vez, antes de pregar a palavra de Deus, devemos receber a incumbência de Deus em nosso espírito. Sempre que pregamos, devemos tomar o encargo da mensagem que pregamos em nosso espírito e não considerá-lo liberado até que nossa obra seja feita. Devemos orar para que o Senhor nos dê esse encargo a fim de que nossa obra não resulte das emoções, habilidades naturais ou mente. Devemos também ter a experiência de Jeremias, que disse: "Quando pensei: . não me lembrarei dele e já não falarei no seu nome, então isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais" (20:9). Não devemos pregar Suas palavras descuidada ou tolamente. Pelo contrário, devemos primeiramente deixar que elas queimem em nosso espírito a ponto de sermos compelidos a falar. Entretanto, se não estivermos dispostos a levar à morte a vida da alma e sua força, nunca estaremos aptos a receber a palavra fresca do Senhor em nosso espírito.

Portanto, irmãos, se almejamos ser usados pelo Senhor para salvar pecadores, reavivar os santos e anunciar a cruz, devemos deixar a cruz trabalhar em nós. Por meio dessa obra, por um lado, tornamo-nos desejosos de ser levados à morte por causa do Senhor, e, por outro, ficamos desejosos de levar nossa vida da alma à morte. Ao mesmo tempo, não mais confiamos em nós mesmos ou em qualquer coisa que advenha de nós. Pelo contrário, odiámos toda a nossa força natural. Dessa maneira veremos a vida de Deus e Seu poder fluírem para o espírito das pessoas por intermédio do nosso falar.

Entretanto, embora como pregadores do evangelho estejamos prontos do nosso lado, ainda podemos falhar. É claro que podemos não falhar completamente, mas por que falhamos? Isso se deve a:

A OPRESSÃO E ATAQUE DE SATANÁS

Satanás não aprecia nossa pregação da cruz nem um pouco. Quando somos fiéis em falar da cruz, ele certamente levantará muitas oposições. Ele sempre pode iniciar os seguintes ataques contra os mensageiros da cruz.

Satanás ataca os mensageiros da cruz levando-os a ficar doentes ou a perder a voz enquanto dão uma mensagem. Pode colocá-los em perigos, fazer com que fiquem deprimidos e percam a liberdade no espírito, e sufocá-los. Pode ainda trabalhar no ambiente incitando mal-entendidos, oposições e, algumas vezes, até mesmo perseguições. Pode produzir mau tempo para desencorajar as pessoas de vir às reuniões. Pode causar súbito distúrbio ou confusão nas reuniões. Pode produzir barulho de animais e choro de bebês. Algumas vezes, opera na atmosfera da reunião, fazendo com que fique pesada e sufocante e causando sonolência e trevas. Todas essas são obras do inimigo. O pregador da cruz deve estar bem atento a essas coisas.

Uma vez que temos tal adversário e tais oposições, torna-se necessário que conheçamos a vitória da cruz. A obra perfeita do Senhor na cruz não apenas solucionou o problema dos pecadores, mas também pronunciou o juízo sobre Satanás. Ele já derrotou Satanás na cruz. Hebreus 2:14-15 diz: "Para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida". Colossenses 2:15 diz: "Despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz". A cruz é o lugar onde Satanás é vencido. Ele recebeu seu ferimento mortal na cruz. Sabemos que o Filho de Deus se manifestou para destruir as obras do diabo (1 Jo 3:8), mas onde elas foram destruídas? A resposta óbvia é: "na cruz". Sabemos também que o Senhor Jesus veio para "amarrar o valente" (Mt 12:29), mas onde Ele o fez? Naturalmente, isso também ocorreu na cruz do Gólgota. Precisamos saber que o Senhor Jesus obteve a vitória na cruz.

A VITÓRIA DA CRUZ

Devemos saber que Satanás já é um inimigo derrotado. Por essa razão, não devemos ser derrotados nunca mais. O inimigo não deve mais ser capaz de proclamar vitória sobre nós. Ele não tem mais o direito de ser vitorioso! Ele não pode proclamar mais nada, a não ser sua derrota total. Portanto, tanto antes de ver a obra de Satanás como depois de vê-la, devemos exaltar a vitória da cruz. Devemos louvar a vitória de Cristo. Antes de iniciar a obra, devemos dizer diante do Senhor: "Louvado seja o Senhor, pois Ele é vitorioso! Cristo é o Vencedor! Satanás foi derrotado! O inimigo foi destruído! O Gólgota significa vitória! A cruz significa vitória!" Podemos declarar isso continuamente até estar seguros no espírito que o Senhor terá a vitória desta vez. Devemos firmar-nos na base da cruz e orar pela vitória de Deus. Devemos pedir que Deus derrote todas as obras do diabo. Tanto por nós mesmos como pelos que vêm à reunião, devemos suplicar a Deus que nos cubra com o precioso sangue do Senhor Jesus para que não venhamos a estar sob o ataque de Satanás, mas, pelo contrário, vencê-lo. "Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro" (Ap 12:11). Dessa vez, enquanto trabalhava no sul da província de Fukien, Satanás veio oprimir-me e atacar muitas vezes. O que o Senhor me mostrou foi que eu deveria permanecer firme na base da cruz e louvá-Lo. Algumas vezes meu espírito sentiu grande opressão; não pude estar livre. Foi como se mil toneladas estivessem sobre meu coração. Umas poucas vezes ao entrar no local de reuniões pude sentir a atmosfera poluída; o diabo trabalhava ativamente. Sob tais circunstâncias orei muito, mas sem sucesso. Entretanto, no momento que comecei a louvar a vitória de Cristo na cruz, gloriar-me na cruz e desprezar o inimigo, dizendo-lhe que ele não podia mais agir e estava destinado ao fracasso, senti real libertação, e a atmosfera do local de reuniões mudou. Louvado seja o Senhor! A cruz é vitoriosa! Louvado seja o Senhor! Satanás está derrotado! Devemos aprender a aplicar a múltipla vitória da cruz mediante a oração para resistir aos ardis, ao poder e aos ataques do inimigo. Levantando-se oposições e confusão, podemos recorrer à vitória da cruz no Gólgota. Apesar de não sentir nada, devemos crer que ao invocar a vitória da cruz, o inimigo é derrotado.

Se estivermos realmente identificados com a cruz dessa maneira, se permitirmos que ela realize uma obra mais profunda em nossa vida e em nosso serviço a Deus, e se confiarmos plenamente na sua vitória, Deus irá conceder-nos a vitória aonde quer que formos. Que Deus faça de nós, servos inúteis, Seus obreiros irrepreensíveis.